



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**ARIANE ROCHA SILVA RANGEL**

**ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS MORAIS DE PERSONAGENS  
DE CONTOS DE FADAS**

**ARAGUAÍNA-TO  
2019**

**ARIANE ROCHA SILVA RANGEL**

**ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS MORAIS DE PERSONAGENS  
DE CONTOS DE FADAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, pela discente Ariane Rocha Silva Rangel sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Thelma Pontes Borges.

**ARAGUAÍNA-TO  
2019**

**ARIANE ROCHA SILVA RANGEL**

**ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS MORAIS DE PERSONAGENS  
DE CONTOS DE FADAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, pela discente Ariane Rocha Silva Rangel sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Thelma Pontes Borges.

Data da aprovação   /  /  

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thelma Pontes Borges, Orientador UFT

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Testa, Orientador UFT

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. João de Deus Leite, Orientador UFT

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família. Meu esposo Lucas por ser tão cuidadoso e companheiro, e as minhas filhas, pois são verdadeiras princesas em minha vida: Júlia e Melissa que por serem minha dose diária de ânimo todos os dias.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus que é o autor da vida, por toda graça derramada sobre mim mesmo eu não sendo merecedora de tudo isso.

Agradeço a minha família, meu esposo Lucas pelo amor e companheirismo, sempre me incentivando a estudar mesmo quando minha vontade era o contrário.

Agradeço as minhas lindas e preciosas filhas Júlia e Melissa por todo amor e carinho demonstrado a mim diariamente, transmitindo as melhores energias que um ser humano pode sentir. Obrigado pelos momentos em que eu no auge da concentração vocês chegavam trazendo tanto amor que eu precisava de uma outra jornada para repor as energias e voltar a escrever. Obrigado meus amores!

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Thelma Pontes por todo cuidado, dedicação e paciência na realização deste trabalho. Que sempre respondia minhas mensagens de forma tão singela e carinhosa.

Agradeço em especial a minha única irmã Adriana Rocha, pela paciência nas horas de desespero, consolo ao falar que daria certo. Muito obrigado.

Agradeço aos colegas que estiveram comigo no final desta jornada, vocês sempre foram essenciais para que tudo desse certo. Amo vocês!

Agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram a realizar este trabalho, e agradeço também aos que não me ajudaram, pois em tudo aprendemos algo, seja de bom ou ruim.

A todos, muito obrigado!

*Fala com sabedoria e ensina com amor.  
Provérbios 31:26  
Bíblia sagrada*

## RESUMO

Por um lado, a literatura é importante não somente para desenvolver habilidades específicas de leitura e compreensão, como também por auxiliar na compreensão de aspectos da vida. Por outro lado, a área da Psicologia Moral auxilia na compreensão de como o ser humano incorpora em sua personalidade aspectos relativos à moralidade. Assim essa pesquisa tem por objetivo analisar os contos “Cinderela”, “Joãozinho e Margarida”, “Rapunzel”, todos de autoria dos Irmãos Grimm, verificando as características morais de seus personagens. Para tanto utilizou-se de metodologia exploratória e qualitativa, produzindo categorias analíticas a partir das singularidades de personalidade moral desenvolvidas por Piaget. Como resultados os personagens foram agrupados por características morais, a saber anomia, heteronomia e autonomia, permitindo uma leitura diferenciada dos contos, com aprofundamento das peculiaridades psicológicas. Tal resultado pode auxiliar professores na compreensão do desenvolvimento humano e no uso dos contos a fim de estimular fatores cognitivos e socio afetivos.

**Palavras Chaves:** Características morais, desenvolvimento humano e contos.

## ABSTRACT

On the one hand, literature is important not only for developing specific reading and comprehension skills, but also for helping to understand aspects of life. On the other hand, the area of Moral Psychology helps in the understanding of how the human being incorporates in his personality aspects related to morality. Thus, this research aims to analyze the stories "Cinderella", "Joaozinho and Margarida", "Rapunzel", all written by the Brothers Grimm, verifying the moral characteristics of their characters. For this, we used exploratory and qualitative methodology, producing analytical categories based on the singularities of moral personality developed by Piaget. As results the characters were grouped by moral characteristics, namely anomie, heteronomy and autonomy, allowing a differentiated reading of the stories, with deepening of the psychological peculiarities. Such a result can help teachers in the understanding of human development and in the use of short stories in order to stimulate cognitive and affective factors.

**Keywords:** Moral characteristics, human development and short stories.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
MÉTODO E OBJETIVO DO TRABALHO .....	17
Objetivos específicos .....	17
Metodologia.....	17
ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	18
CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DA LEITURA.....	20
1.1 A leitura e a vida social .....	21
1.2 A literatura e o desenvolvimento humano .....	26
CAPÍTULO 2– CONTOS DE FADAS ENQUANTO LITERATURA.....	30
2.1 A importância dos contos de fadas. ....	37
2.2 Contos de fadas e o desenvolvimento infantil.....	40
CAPÍTULO 03 – DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO MORAL DENTRO DA PERSPECTIVA PIAGETIANA.....	45
3.2 Porque estudar moralidade?.....	52
CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTO DE PESQUISA .....	55
4.1 Análise dos contos trabalhados. ....	55
4.2 Joãozinho e Margarida (Hansel e Gretel) – apresentação do conto .....	61
4.3 Rapunzel – apresentação do conto.....	68
Mulher (Mãe de Rapunzel): .....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	77
REFERENCIAS.....	79
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.....	80

ANEXOS

## INTRODUÇÃO

Quando falamos em conto de fadas, automaticamente vem em nossa mente um mundo encantador, cheio de fantasias, com cenários de princesas, príncipes, bruxas, outros seres mágicos com seus feitiços, um belo castelo e um final que seja feliz para sempre.

Neste trabalho observaremos que um conto de fadas vai muito além do que uma mera fantasia, podendo nos dar oportunidade de fazer parte também de um cenário psicológico de várias formas e expressões.

O conto é um gênero que tem como característica fundamental a unidade de impressão ou tom, considerado o princípio que norteia toda a narrativa, devido à singularidade dos elementos que a compõem; além da unidade de tempo, espaço e ação, que formam as estruturas básicas da forma narrativa. Tem o foco particularmente em um personagem, acontecimento/situação e emoção. O conto é uma narrativa que cria situações conflituosas nas quais os leitores podem se espelhar. (SOUZA, 2013, p. 18).

Quando lemos um conto de fadas, nós enquanto leitores temos vários sentimentos em relação à história que nos é apresentada. Desenvolvemos sentimentos de alegria, tristeza, angustia, ansiedade, raiva, saudosismo, fúria, amargura, compaixão, entre outros. Porém, a leitura que uma pessoa adulta faz de um conto de fada não será a mesma leitura que uma criança ou adolescente faça do mesmo conto de fada, existem percepções diferentes de acordo com cada idade. Neste trabalho apresentaremos análises dos personagens de três contos de fadas; Cinderela, Joãozinho e Margarida, e Rapunzel. Veremos que as narrativas traçam uma linha de raciocínio um pouco semelhante, mas nem por isso os personagens possuem as mesmas características. Essa análise será feita através das teorias criadas por Piaget que explicam o desenvolvimento moral do ser humano. Percebemos que muitos comportamentos dos indivíduos são simplesmente julgados, porém não são analisados, e neste trabalho pretendemos investigar todas as condutas e atitudes dos personagens de cada narrativa. Portanto nosso objetivo é analisar as características de personalidade moral dos personagens dos contos Cinderela, Joãozinho e margarida, e Rapunzel.

Observaremos no decorrer do trabalho que essa capacidade de analisar atitudes desenvolve-se durante toda a vida, desde os acontecimentos de rotina aos acontecimentos esporádicos. São análises que norteiam percepções psicológicas, físicas, morais e sociais e como consequência, determinam que ações e comportamentos teremos.

O ser humano aprende a definição e coerência de certo e errado enquanto criança, então quando chega a idade da adolescência já há ou já deveria haver uma consciência relevante das regras quando tratamos sobre “certo e errado” e do contexto.

O ser humano precisa desde criança desenvolver a compreensão que as regras foram criadas para mediar a vida em sociedade, podendo ou não ser cumpridas de acordo com a avaliação que se faz da situação vivenciada e de seu nível de desenvolvimento. Regras simples como, por exemplo: obediência e respeito aos mais velhos, em especial aos pais, responsabilidade objetiva e subjetiva, precisa ter uma noção de justiça, que passa por processos que passa por processos evolutivos, sendo incorporado á personalidade, pois em algum momento precisará colocar tudo isso em prática mesmo ainda sendo criança ou adolescente. Mas sempre com equilíbrio, pois é do comportamento humano muitas vezes ser desigual, instável, e até mesmo egoísta. Por isso a ideia a de analisar as características dos personagens de contos de fadas, e sempre buscando um equilíbrio e acrescentando também como base o respeito, pois em muitas ocasiões talvez o que é justo e tenha uma moral relevante para um, não seja para o outro, pois existem as regras de fato para serem cumpridas e respeitadas e tudo isso está atrelado diretamente ao desenvolvimento moral de cada um.

Por isso abordaremos neste trabalho as características e perspectivas do desenvolvimento do ser humano segundo a teoria de Piaget (1975) em que se busca entender o ser humano em seus aspectos e formação moral, considerando que esse pode se desenvolver por processos de equilíbrio partindo da anomia, passando pela heteronomia, até se alcançar a autonomia.

Ao constituir essa teoria de desenvolvimento, Jean Piaget (1994) prioriza a sua obra apenas como uma produção psicologicamente científica, porém no decorrer da sua pesquisa observou-se que não era apenas uma simples pesquisa,

era algo inovador que traria contribuições expressivas principalmente para a área educacional, mesmo não sendo a priori a intenção de Piaget.

Todos os seres humanos experimentam esses estágios do desenvolvimento, sempre na mesma sequência, podendo evoluir ou não, até a autonomia. Esse desenvolvimento é dialético e dependente da inter-relação com o ambiente. Por isso este desenvolvimento que (Piaget) aborda não é caracterizado pela idade do indivíduo, mas sim pelas características cognitivas de cada ser humano. A moralidade será um grande instrumento de análise para este estudo, pois ela tem como referência uma compreensão estrutural das responsabilidades em cada ato como ser humano.

A moralidade sempre teve uma grande importância social com um grande significado. No Brasil existem histórias de entidades educacionais e históricas que “sofreram” com a moralidade imposta em um determinado momento e período histórico do nosso país, pois tratavam de uma moralidade que cerceava a liberdade e opinião da sociedade. Mas Piaget (1994) trata de uma outra moral; a que é floresce através do desenvolvimento de estrutura do próprio indivíduo, onde ele tem a oportunidade de avaliar seus atos. Tal estrutura permite ao ser humano ter um “software” de funcionamento ético.

Algumas pessoas ao se analisarem podem ou não, mudar seus comportamentos e atitudes, evoluindo de um momento para outro, outros não se incomodam com isso e permanecem sempre no mesmo estado de desenvolvimento.

A moralidade imposta amedrontava, era temida, soava como regras e normas que apenas eram para serem cumpridas e nada mais, não favorecendo o crescimento psicológico. Foi perdido então o sentido filosófico da moral e a oportunidade de encará-la como desenvolvimento humano. A palavra moral traz em sua definição o seguinte:

Preceitos e regras que, estabelecidos e admitidos por uma sociedade, regulam o comportamento de quem dela faz parte. Leis da honestidade e do pudor; moralidade. [Informal] Qualidade do que se impõe, influência ou exerce certa soberania em relação a: não tinha moral para falar do adversário. [Filosofia] Parte da filosofia que trata dos costumes, dos deveres e do modo de proceder dos homens nas relações com seus semelhantes. Que está de acordo com os bons costumes; que explica, disciplina, ensina. Em conformidade com o considerado ético, legal, correto. Que é próprio para favorecer os bons costumes. Refere-se às regras de conduta, ao âmbito do espírito humano. Que significa um

comportamento delimitado por regras fixadas por um grupo social específico. Relativo ao espírito intelectual em oposição ao físico, ao material. (DICIONÁRIO ONLINE AURÉLIO 2019)

Essa definição do dicionário fala de uma moral pautada na obediência às regras, a teoria que ora seguimos, trata a moral como desenvolvimento humano capaz de constituir estruturas de pensamento, que por meio de seu funcionamento, permitem o uso da tomada de consciência, da razão e dos afetos nas decisões e análises dos conflitos sejam eles interpessoais, sociais ou outros.

Mas, houve um período, mais precisamente no século XIX, em que a moralidade estava mais relacionada ao espaço político e a luta pelo poder. Qualquer mobilização individual, ou coletiva contra o poder constituído era uma afronta a moral, e dessa forma a palavra moral ou moralidade foi perdendo o seu sentido filosófico. Essa palavra começou a ser soada para muitas pessoas como normas e regras que restringiam suas liberdades criando assim uma interpretação negativa da palavra moral. (BRUGGER, 1969).

Em vista do que falamos nesta introdução, esperamos ter esclarecido que a moralidade tem vários sentidos dependendo do contexto que vamos observar. Sentidos estes que foram criados, organizados e impostos pela sociedade de alguma maneira, tendo como base sua diversidade cultural e suas histórias. Precisamos apenas ter cuidado, serenidade e muita sabedoria para não parar de nos preocuparmos com esses sentidos de moralidades que norteiam o tempo que vivemos.

Pretendemos trabalhar tendo como foco a perspectiva de desenvolvimento moral a partir da concepção de Piaget (1994), para isso vamos destacar a tomada de consciência enfatizando a anomia, a heteronomia e a autonomia.

Para Piaget (1977) essa tomada de consciência do indivíduo é construída e desenvolvida desde as ações mais simples as mais difíceis e complicadas, até conseguir atingir um senso crítico que será caracterizado por essa tomada de consciência. Em outras palavras a tomada de consciência dá-se no seu desenvolvimento funcional e da cognição. É a partir desse desenvolvimento que terá como resultado um senso crítico mais conceituado, é dessa tomada de consciência, que observaremos que o sujeito preocupa-se não somente com o objetivo ou fim da ação realizada, mas também como será o caminho ou os meios que o levará a realizar a determinada ação.

Nós não definiremos a periferia nem pelo objeto, nem pelo sujeito mas pela reação, a mais imediata e exterior do sujeito face ao objeto: utilizá-lo segundo um objetivo... e tomar ato do resultado obtido... A tomada de consciência, partida da periferia (objetivos e resultados), se orienta em direção das regiões centrais da ação assim que ela procura atingir o mecanismo interno desta: reconhecimento dos meios empregados, razão de sua escolha ou de sua modificação em curso, etc. (PIAGET, 1977, p. 263, em FÁVERO, 2009).

Trabalhando nesta perspectiva, observa-se que a tomada de consciência é vista como algo decorrente de uma ligação do indivíduo com o objeto. Esse procedimento requer algumas transformações diárias e contínuas que darão base e fundamento para diferentes graus de consciência, os quais terão como consequência os resultados de cada estágio e fase do desenvolvimento apresentado (PIAGET, 1977).

Sendo assim, analisamos que quando há uma conceituação, não quer dizer que necessariamente foi gerado a partir de um nível de consciência, pois é preciso que ambas estejam interligadas entre o que já é conhecido e o que virá a conhecer.

Observamos que esta tomada de consciência não acontece de uma maneira repentina e explícita, e que também não surge de uma hora para outra, pelo contrário, requer que seja construída e buscando sempre algo inovador, porém também que seja conservador. Inovador quando falamos que essa tomada de consciência deve ser trabalhada diariamente através das oportunidades do dia a dia buscando sempre atingir um nível de consciência cada vez mais elevada cognitivamente, e conservador quando mesmo com todas as oportunidades que a rotina venha trazer para o sujeito é necessário que antes de tudo ele reflita cognitivamente sobre a construção dessa tomada de consciência.

Enfim, depois de haver descrito um breve relato sobre desenvolvimento humano, moralidade e tomada de consciência, portanto nosso objetivo é analisar as características morais dos personagens dos contos de fadas Cinderela, Joãozinho e Margarida, e Rapunzel. Este trabalho tem como cunho a pesquisa explicativa exploratória, pois segundo Gil (1999), a pesquisa explicativa tem como objetivo básico a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa e efeito dos fenômenos. A abordagem é qualitativa, uma vez que neste estudo buscamos compreender as situações vivenciadas nas narrativas através de comportamentos e sentimentos entre outros aspectos deste sentido, e ainda apresentaremos os objetivos e metodologias desta pesquisa.

No primeiro capítulo pretendemos abordar a importância da leitura e da literatura, ressaltando sempre quão fundamental é para o ser humano enquanto cidadão, pois sabemos que são de fundamental relevância para a formação de todos os seres humanos, visto que permitirão que o indivíduo vá além com seus pensamentos e ideias. Ainda neste capítulo, falaremos que quando lemos sentimos que estamos sendo transformados em uma prática social, pois ler não é apenas decifrar palavras, mas sim viajar em conhecimentos antes desconhecidos e assim transitaremos por uma série de produção de sentidos. Em todo instante nós lemos, em várias situações do cotidiano, pois a nossa comunicação enquanto indivíduo social também se fundamenta na leitura (AGUIAR, 1996).

No segundo capítulo falaremos sobre contos de fada enquanto literatura, como é essencial para que a criatividade da criança seja desenvolvida, e como essas narrativas podem ajudar na formação do indivíduo, além do que, é necessário que reconheçamos que os Contos de fadas são excelentes obras literárias, pois quando contextualizamos esses contos com a nossa realidade, percebemos que estão bem mais próximos de nós do que imaginávamos. Neste mesmo capítulo faremos um breve resumo sobre a influência e contribuição que Charles Perrault obteve como autor de alguns contos. Ainda falaremos sobre como os renomados autores Irmão Grimm surgiram o cenário literário, e finalizando o capítulo mostraremos como os contos de fada conseguem influenciar de forma significativa as crianças e adolescentes em seus conflitos existenciais, uma vez que estes se identificam com os personagens.

No terceiro capítulo iremos falar sobre o desenvolvimento psicológico moral dentro da perspectiva piagetiana, mais estritamente sobre os estágios do desenvolvimento moral: Anomia, heteronomia e autonomia. Para muitas pessoas estes estágios ainda são totalmente desconhecidos, mas ao fazer essa análise iremos mostrar as diferenças dos comportamentos dos indivíduos na sociedade. Apresentaremos no que se baseia cada estágio, e como os indivíduos desenvolvem-se de um estágio para outro.

No quarto capítulo vamos apresentar nosso procedimento no que se refere a elaboração deste trabalho e também a pesquisa que foi realizada e os mecanismos usados. Neste capítulo analisaremos os Contos de fadas que utilizamos para

desenvolver este trabalho, e assim vamos observar as características de cada personagem e identificá-los em qual estágio eles se encontram e porque fazem parte de cada grupo, e por fim faremos uma apresentação dos resultados da pesquisa.

Nas considerações finais pretendemos mais uma vez ressaltar a importância da leitura dos contos de fadas no desenvolvimento das crianças e adolescentes, mas principalmente destacar as teorias de Piaget sobre o desenvolvimento moral.

Concluindo as apresentações de cada capítulo e das considerações, mostraremos agora quais são os objetivos específicos e o geral deste trabalho, a metodologia trabalhada e a análise dos resultados.

## **MÉTODO E OBJETIVO DO TRABALHO**

### **Objetivo geral**

O objetivo geral deste trabalho é dar ênfase a importância do desenvolvimento psicológico moral dentro da perspectiva piagetiana, mais especificamente sobre os estágios do desenvolvimento moral: Anomia, heteronomia e autonomia.

### **Objetivos específicos**

Os objetivos específicos presentes neste estudo são:

- Inferir importância da leitura e da literatura no desenvolvimento e na formação do indivíduo enquanto cidadão.
- Compreender que os Contos de fadas não são meras narrativas, mas sim instrumentos de aprendizagem na evolução infantil.
- Entender a teoria de Piaget sobre o desenvolvimento psicológico moral; anomia, heteronomia e autonomia, e ser capaz de diferenciar em quais momentos ela se fazem presentes nos comportamentos dos indivíduos, e quais são as razões que fazem essas teorias ocorrerem.

### **Metodologia**

Este trabalho tem como cunho a pesquisa explicativa, pois buscamos explicar os fenômenos de determinado conteúdo, no caso deste trabalho compreender e analisar as teorias moral de Piaget nos personagens dos contos de fada, do mesmo modo entender suas causas e suas relações de dependência. Segundo Gil (1999), a pesquisa explicativa tem como objetivo básico a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência de um fenômeno. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois tenta explicar a razão e as relações de causa e efeito dos fenômenos. A abordagem é qualitativa, uma vez que neste estudo buscamos compreender as situações vivenciadas nas narrativas através de comportamentos, sentimentos, entre outros aspectos deste sentido.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para que a análise dos resultados fosse realizada, primeiramente observamos as três narrativas trabalhadas neste estudo de uma forma geral. Lemos as mesmas e identificamos todos os personagens inseridos em cada história, a partir disso verificamos que existem características semelhantes entre alguns personagens, mas nem por isso os personagens deixam de ter suas características próprias. Com isso identificamos em qual momento da perspectiva de Piaget cada personagem está inserido, mas para que essa observação fosse feita, foi necessário entender como esse momento pode ser caracterizado e por quais motivos levam esses personagens a serem identificados de tal forma.

A partir da observação dos contos, das leituras feitas, da identificação de cada personagem, e de sabermos em qual momento cada um deles se encontram, é possível levantarmos resultados sobre alguns motivos relevantes que achamos interessante ao estudarmos este assunto. Por exemplo: Percebemos que nos três contos existe um personagem que tem a maldade como característica principal exposta nas narrativas. Dessa forma, compreendemos que os comportamentos e sentimentos dessas pessoas os levam a permanecerem no estado de anomia, visto que elas sabem que suas atitudes são erradas, mas, no entanto gostam da forma como vivem e não se interessam em mudarem para um estilo de vida mais coerente e com comportamentos melhores perante a sociedade.

Foi possível também verificarmos que nas narrativas existem personagens que evoluíram de estado da heteronomia para a autonomia, como o pai de Joãozinho e Margarida por exemplo. No início do conto ele segue todas as ordens que a personagem mau é capaz de ordenar, as vezes ele até tenta questionar mas sua fraqueza é maior do que seus argumentos em defesa dos filhos, e por um longo período ele se faz presente na heteronomia. Como vimos anteriormente neste trabalho, a coação é uma das características deste momento, por mais que a pessoa seja a mais inteligente, ou a mais habilidosa em alguns aspectos, muitas vezes se faz presente neste estado por ser coagida diante das circunstâncias. Porém no final do conto temos uma outra visão deste personagem, pois ele através do amor que sente por seu filhos, ele consegue ter uma transformação e agora não está mais em um momento de heteronomia, mas conseguiu evoluir para a autonomia.

Ainda analisando os resultados que obtivemos neste trabalho, é interessante observarmos o momento da autonomia. Um momento que a pessoa está vivendo onde as características são as melhores possíveis. Os personagens que fazem parte desse estado não pensam somente em si, eles pensam no todo como em um só, pensam no bem coletivo por mais difícil e árduo que seja viver de fato este momento cotidianamente. Nas narrativas que foram base para este estudo, percebemos que algumas das personagens protagonistas possuem essas características. Por mais difícil que seja as situações que vividas nas histórias, eles permanecem neste momento e não se abalam, pelo contrário, são suporte para que outros personagens consigam alcançar essas evoluções.

Por fim, descrevemos estes resultados como aprendizado para entendermos alguns comportamentos e situações, muitas vezes não compreendidos pelo simples fato desses momentos; anomia, heteronomia e autonomia não serem conhecidos e compreendidos da sociedade, ocorrendo assim julgamentos antecipados de alguns comportamentos.

Depois de sabermos sobre os objetivos, a metodologia usada e sobre os resultados deste trabalho, agora teremos a oportunidade de conhecer mais especificamente cada capítulo mencionado anteriormente.

## CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA E DA LEITURA

Neste capítulo abordaremos a importância que a literatura e a leitura tem em nossas vidas enquanto sociedade e como ser humano individualmente. Tanto a literatura quanto a leitura são essenciais para a formação de um cidadão, pois as duas permitem o ser humano ir além com seus pensamentos e imaginações. Falaremos da importância que cada uma traz em relação ao desenvolvimento humano.

A Literatura tem um valor muito relevante no ensino da Língua portuguesa, pois a partir dessas leituras literárias podemos aprender mais sobre a nossa própria língua, sendo escrita ou falada, porque de fato quando lemos estamos nos permitindo sonhar e abrirmos espaço para novos conhecimentos e novas realidades através da leitura. A literatura por si só é prazerosa, seja qual estilo for, pois quem cria as expectativas dessa leitura somos nós na nossa intenção e forma de leitura.

“É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura”. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p. 22)

A escola tem como um dos seus objetivos principais formar leitores que tenham uma capacidade cognitiva autônoma e crítica do mundo, porém para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que o ambiente escolar valorize a leitura como algo realmente importante para o ser humano como aluno e como cidadão. Muitas vezes no espaço escolar, a leitura é tratada como um assunto qualquer, tendo em vista que o aproveitamento dos textos são rápidos e muitas vezes superficiais, sem levar o ser humano a refletir sobre o que foi lido, ou a pensar por qual razão aquele texto foi exposto. Os debates sobre a literatura e as experiências que cada um obteve através das interpretações diferenciadas tornam-se como algo que não merece uma devida atenção. (SILVA, 2003).

As argumentações sobre a importância de a literatura ser trabalhada na escola teve início por volta dos anos 70 e anos 80. Nesse período houve um debate de grande relevância com a intenção de “alavancar” a educação, visto que neste mesmo período o padrão educacional já não obtinha efeitos satisfatórios (ZILBERMAN, 2008).

Segundo Zilberman 2008, a leitura existe no ambiente escolar desde o princípio, mas havia somente a intenção de ensinar um modelo linguístico. Com o

passar dos anos, devido algumas mudanças no âmbito escolar, este conceito de leitura foi reformulado. Hoje a leitura tem como um dos seus objetivos principais formar leitor, mas para que isso ocorra, é necessário idealizar a leitura não apenas como resultados numéricos de um processo de aprendizagem e letramento de uma escrita, mas como uma prática que levará o leitor a uma experiência de conhecimentos singular com o texto literário lido. (ZILBERMAN, 2008)

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo (ZILBERMAN, 2009, p. 17).

O pesquisador e professor Antônio Candido (2004), justifica que para obtermos uma harmonia social, é imprescindível que a população tenha um acesso a literatura, tendo em vista que a própria literatura ajudará na solução de vários problemas relacionados com a sociedade de uma forma geral. O confronto entre a leitura literária e a verdade existente leva o leitor a refletir de forma crítica sobre sua realidade e como deve proceder sobre ela.

Para o autor, existe um poder humanizador através de todo texto literário, pois essa humanização implica a superação do caos. Essa humanização acontece porque a literatura pode oferecer ao leitor uma sensação em que o remete um mundo fantasioso, implicando situações que não são reais, situações essas meramente imaginárias, mas que o faz refletir a um pensamento e posicionamento mais intelectual levando o leitor a trazer esses pensamentos para o seu cotidiano e suas experiências.

### **1.1 A leitura e a vida social**

Ao lermos somos estimulados a conhecer novas palavras e com isso aumentamos nosso vocabulário, tornando possível o descobrimento de um mundo novo a cada texto lido. Sem dúvidas é significativo que ao obtermos o hábito da leitura, possivelmente estaremos nos transformando em pessoas mais felizes, críticas e reflexivas diante das situações vivenciadas. É importante que esse

estímulo aconteça se possível ainda na infância, pois é um período da vida onde a cognição das crianças tem uma capacidade para novos aprendizados, conhecimentos e experiências. Para tanto é necessário que tanto a família quanto a escola ofereçam oportunidades para que a criança se torne uma leitora consciente e reflexiva. (ABRAMOVICH,1994)

Diante das circunstâncias de “formar um leitor crítico e reflexivo” ou de “alguém que simplesmente saiba ler”, existem grandes diferenças. O primeiro exemplo refere-se a uma pessoa que provavelmente sabe compreender e interpretar o texto lido, e ainda consegue transferir a sua reflexão deste texto para outras pessoas, enquanto o segundo exemplo nos faz associar que seja uma pessoa que meramente sabe ler, decifra as letras e sílabas que formam palavras, mas não possuem um senso crítico do assunto lido, não consegue ir além com seus pensamentos e ideias a respeito do texto.

Ler é algo tão encantador que transforma-se em uma prática social, pois quando estamos lendo algo, não estamos apenas lendo palavras, mas estamos nos aprofundando em conhecimento, transitando por uma série de produção de sentidos. Ler é um ato que fazemos todos os dias em várias situações diferentes, pois a nossa comunicação enquanto ser social baseia-se também na leitura. (AGUIAR, 1996)

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p. 77).

A leitura é muito mais do que somente preencher uma relevante lacuna na vida do leitor. Segundo as autoras, a prática de ler é formada da união entre os sujeitos sociáveis com a linguagem cognitiva, o que torna possível um encontro eficiente com os componentes significativos do texto. Desta forma, o leitor tem a oportunidade de ficar diante de várias palavras ligadas a um determinado sentido, de maneira bem específica, e assim poderá constatar que há uma qualidade elevada em cada texto adquirido pelo leitor. (KOCH e ELIAS,2008).

O ser humano leitor é aquele que em sua realidade torna-se criador da interpretação do texto, ao mesmo modo em que situa-se como atual a ele, criando leitura, originalmente de sentidos, obtendo a garantia da sua eficiência, organizando

em seu próprio conhecimento, interagindo com o texto sem perder sua essência. (ORLANDI, 1995).

A leitura é uma ferramenta bem eficiente no modo de ensino aprendizagem, os recursos e metodologias usadas para se trabalhar essa ferramenta são bem variados, por exemplo: A partir da leitura podemos criar métodos eficientes de memorização, podemos produzir textos derivados de outros textos (resumo), ao ler um texto podemos ir separando de uma determinada forma o que para nós tem mais significado no texto ou que nos remete a algo importante, isso nos ajuda a uma compreensão melhor do texto. Esses mecanismos nos ajudarão a obter uma evolução de leitura de uma forma bem mais proveitosa, pois fazendo a leitura cautelosamente e com um sentido mais crítico e reflexivo do que esta sendo lido, ocorrerá um misto de sentimentos e emoções, pois iremos perceber através da leitura que muita coisa que antes imaginávamos serem impossíveis, através da leitura surgem possibilidades de que podem ser possíveis. (LAJOLO, 1996).

Segundo Lajolo:

A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – alfabetizadores, professores, bibliotecários – desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força de reprodução e, ao mesmo tempo, do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, e tenham ou não assumido a luta contra aquela e a ocupação deste como possibilidade de conscientização e questionamento da realidade em que o leitor se insere. (1996, p. 28)

Pensando desta forma, observamos que cada ser humano leitor dispõe de um conhecimento de mundo que é exclusivamente seu, conhecimento esse conquistado por suas experiências de vida e de leitura, mas tendo a consciência de que a leitura feita não pode ter uma importância maior do que esse conhecimento. Leitura e conhecimento devem estabelecer uma união para que o texto seja compreendido de fato pelo leitor.

*“A leitura precede a palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.* (FREIRE, 1994, p. 84).

A prática da leitura é algo que os estudiosos e professores priorizam, pois sabem que isso é fundamental para que obtenham um bom resultado de estudo e conhecimento, e na leitura encontram formas de ensinar e incentivar os seres

humanos a sua volta a ler e assim também aumentar o seu conhecimento cognitivo e também de mundo (FRITZEN, 2011).

O importante de todo esse processo de leitura, é que as portas de novas oportunidades começam a surgir. Um novo mundo está sendo disponibilizado para o ser humano enquanto leitor, um novo domínio está sendo gerado na vida deste leitor, e possivelmente viabilizando novas condições de dignidade em vários sentidos de sua vida, como emocional e intelectual, tornando-se a leitura um fator transformador para que todas essas novas possibilidades.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

A realidade é que mesmo com múltiplas formas de diferenciações de métodos e estratégias para ensinar a ler, grande parte destas formas de ensino tem sua realização geralmente marcada por uma apreensão de como deve ser esse ensino. Como mostrar que ler pode se tornar algo muito além do que simplesmente decodificar um texto, fazendo-o interessante, fascinante e assim estimular o leitor a buscar sempre algo além da “*simples leitura*”. Um mecanismo extremamente importante e que de fato faz a diferença, são os livros infantis com histórias ilustradas. Esse tipo de material faz com que a criança, enquanto uma nova leitora em fase de surgimento sinta a magia e o encantamento que é ler um livro. Ela perceberá que só a leitura pode nos promover reflexões singulares que outro mundo de conhecimento não nos proporciona. Porém, infelizmente este recurso tão valioso está sendo esquecido e substituído, por novas tecnologias a cada dia que se passa, e assim os novos leitores estão surgindo com uma bagagem bem mais leve de conhecimentos. (LAJOLO, 1996)

Quando o incentivo a leitura é algo que acontece ainda na infância, a criança tem toda uma possibilidade de se tornar um ser humano mais dinâmico e eficaz, entre outras qualidades que a leitura é capaz de desenvolver no indivíduo, diferentemente das crianças que não são oportunizadas com a leitura, transforma-se

em pessoas sem um bom vocabulário, sem conhecimento intelectual e principalmente sem uma mente transformadora.

Para que esse incentivo aconteça enquanto criança, é necessário que novas políticas públicas sejam integralizadas na nossa sociedade. Políticas que incitem a prática da leitura como algo transformador, pois a leitura é a base de várias realizações positivas para a educação na sociedade e individualmente de cada ser humano.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2008, p.09)

Quando a leitura é estimulada ainda na infância nos primeiros anos de aprendizado de leitura da criança, provavelmente o seu intelecto será desenvolvido com características com um sentido mais crítico, pois o ato de ler é transformador. Esta prática é capaz de criar um ser humano com uma maior capacidade para solucionar questões do seu cotidiano mesmo, através dos conhecimentos obtidos pela leitura. A cada entendimento adquirido novas ideias surgem e fazem com que o ser humano enquanto leitor seja motivado a buscar sempre algo mais e não se conforme somente com o básico. E algo mais interessante ainda é que quando o sujeito começa a ter uma compreensão maior de um determinado assunto, ele não aceita qualquer teoria sem que haja um fundamento para tal afirmação. Não é qualquer coisa que lhe é transmitida que será aprovada, pois agora possui um conhecimento de mundo bem mais abrangente e criterioso. Lembrando sempre que todo esse aprendizado inicia-se e tem como base a leitura. (PRADO, 1996)

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p. 19-20)

O ato de ler vai muito além do que uma distração ou passatempo, mas é também um excelente procedimento que proporciona ao leitor a oportunidade de contextualizar o que é lido com as sua própria vida.

A leitura é transformadora tanto para quem está lendo de fato, como para quem está como ouvinte. Esse processo de transformação é tanto pessoal (individual) como coletivo ao mesmo tempo, pois o ouvinte e o leitor podem se completar nessa tarefa. Então mais uma vez afirmamos que a leitura é indispensável e bastante necessária para a formação do ser humano crítico e reflexivo, e que seja capaz de argumentar suas ideias e perspectivas, no entanto tudo isso é possível por estar apto com um desenvolvimento que lhe foi conquistado a cada leitura feita, possivelmente superior a outro sujeito que não atingiu esse mesmo volume de informações literárias.

Para que a leitura seja mais compreendida e proveitosa, é fundamental exercermos algumas estratégias para que isso ocorra, por exemplo:

- É importante ir assimilando as ideias com as expectativas geradas antes de iniciar-se a leitura.
- Ter a disposição um dicionário para pesquisa sobre prováveis insegurança em relação as palavras.
- Ir destacando os pontos que mais chamam a atenção do leitor, sublinhando ou com outra forma particular de o fazer.
- Sempre fazer as identificações de palavras-chave.
- Manter uma concentração no momento da leitura.
- Buscar conhecimentos complementares sobre o assunto lido.
- Fazer um reconhecimento referencial com outras obras.
- Fazer uma avaliação crítica e reflexiva sobre o texto abordado.

A fim de que o leitor consiga alcançar essas estratégias, é importante que ele tenha uma percepção básica de leitura, e isso obviamente se consegue através de várias práticas de leitura. (GADOTI,2004)

## **1.2 A literatura e o desenvolvimento humano**

Falar sobre literatura é refletir sobre a linguagem, para conceituar melhor usaremos a definição que Freire (2008) nos proporciona, "... qualquer dos usos

estéticos da linguagem: literatura oral”. Com base nessa definição podemos perceber que a literatura existe há vários séculos, desde os tempos remotos, pois se afirmamos que a literatura tem esse conceito acima citado, também é possível dizer que os homens primitivos produziam literatura, pois eles próprios criavam suas palavras e linguagens para se comunicarem, para dar nomes as coisas e objetos, e para transmitir a sua comunidade os acontecimentos do dia. Isso era literatura, era arte que com o passar dos anos foi sendo desenvolvida e trabalhada, pois ela faz parte da história humana, da reinvenção de cada homem, de cada povo e sociedade.

O interessante é que toda transformação do ser humano, tem como parte do processo de desenvolvimento a linguagem. A linguagem nos dias atuais é diferente da dos tempos primórdios, porém seu significado talvez seja o mesmo. Os educadores de Língua portuguesa tem como peça principal ensinar a língua, seja ela escrita ou falada, pois é ela que dá condições para o ser humano ser um bom comunicador em sua sociedade. Entretanto é indispensável a formação de um discernimento crítico, e isso será concedido através da educação ofertada ao indivíduo. Para tanto é fundamental que o próprio educador seja um leitor com um bom conhecimento literário e que seja um leitor crítico, para que transmita a satisfação obtida através da leitura.

Para formar leitores que tenham uma percepção crítica, é importante que haja uma compreensão do que de fato é a literatura.

A literatura tem o poder de transformar e humanizar o ser humano, pois quem lê adquire conhecimento que o faz viver experiências que só quem lê pode experimentar. Além disso, o fictício compara-se com o real, mas sempre estimulando uma percepção mais intelectual e cognitiva.

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê (ZILBERMAN, 1990, p.19).

A leitura literária para alguns indivíduos passou-se a ser uma prática pouco valorizada, e isso presume-se por falta de interesse em conhecer um mundo novo e conseqüentemente atingir um pensamento cognitivamente mais elevado. Porém, acreditamos que haja um forte poder capitalista que limita a sociedade e que torna

essa procura cada vez menor entre seus indivíduos. Esse capitalismo, que a sociedade impõe, oferece outras coisas que para o ser social podem ser vistas como mais interessante e atraente, mas por outro lado esquecem-se que uma questão bem mais relevante está sendo esquecida, o poder das obras literárias, que ajuda o ser humano a pensar, a obter um senso crítico mais reflexivo e também a se socializar está sendo preterido, e isto resulta-se em uma sociedade formada por seres humanos que não conseguem compreender e interpretar determinados assuntos que fazem parte da sua vida diária, e sequer conseguem pensar sozinhos, terem suas próprias convicções e com isso argumentos válidos que fazem o outro refletir sobre a questão abordada. Os princípios que os meios de comunicação nos propõem, compõem parte de um conjunto de ideologias que fazem com que o ser social aceite tudo o que lhe é proposto, e isso claro de uma forma bem sutil, que por um lado desvaloriza a literatura como algo “ultrapassado”, e enaltece, por exemplo, os jogos virtuais e seus derivados. (ZILBERMAN, 1990)

Constatamos ainda que para que haja toda essa tecnologia que temos hoje nos nossos dias atuais e que a mesma seja desenvolvida, é requerido um conhecimento e uma racionalidade específica no assunto, e obviamente para que isso ocorra é necessário que vários estudos e leituras sejam feitas para que essa inovação tenha sucesso. Então a partir daí, percebemos que há duas vertentes; por um lado a competência de criar e desenvolver algo tão ousado e progressista que facilita de uma “certa forma” a vida humana, mas por outro lado temos os “fantoques” que por falta de conhecimento concordam com tudo o que lhes é oferecido, e evidentemente nem tudo o que é inovador coopera para que o indivíduo tenha sucesso enquanto ser social observamos que existe um fator contraditório de grande valor sobre isso, segundo Antônio Candido, “a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade” (CANDIDO, 2004, p.169).

Como já foi citado neste trabalho, a literatura faz o ser humano pensar, ir além com suas ideias e ideais, torna possíveis os sonhos de quem a lê, capacita o leitor a cada texto literário lido, forma uma mente mais crítica e reflexiva, aumenta com excelência o vocabulário, entre outras qualificações. Mas se por um lado a literatura tem todo esse reconhecimento de benfeitorias para o indivíduo, por outro lado muitos a querem esconder da sociedade, por uma razão óbvia e já dita: A literatura faz o ser humano pensar. Esta é uma visão negativa do mundo moderno, pois quem

lê, logo pensa, e quem pensa não aceita qualquer resposta para as questões da vida. Quem lê adquire o poder da argumentação, e isso representa uma ameaça ao grande sistema. Dessa forma, entendemos o real motivo de temor desse sistema egoísta, pois a literatura provoca a insatisfação do ser humano diante de algumas circunstâncias sobre a organização do mundo, e possibilita questionamentos sobre o papel de cada um na sociedade, “a literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade”. (LOSA 2010, P. 47).

A literatura nos ensina a pensar e a organizar de uma forma agradável os nossos sentimentos, e por meio da literatura é possível que haja um equilíbrio humano social.

Melhor contribuição da literatura ao progresso humano [seria] recordar-nos (involuntariamente, na maior parte dos casos) de que o mundo se acha mal-acabado, de que mentem os que sustentam o contrário - por exemplo, os poderes que o governam -, e de que poderia ser melhor, mais próximo dos mundos que a nossa imaginação e a nossa palavra são capazes de inventar. (LLOSA, 2010, P. 108)

Como já mencionado, existe um fator de humanização na prática da leitura, e apresentando aqui o que compreendemos por humanização partilhamos do ponto de vista de Antônio Candido.

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180)

Sabemos, portanto, que assim como a literatura é fator de atemorização para uma determinada sociedade, ela também é respeitada e aceita como fundamental na formação de indivíduos nos mais variados períodos de desenvolvimento do ser social. Fica notório que a literatura tem essa influência libertadora, que beneficia o ser humano com uma perspectiva que o leva adiante das limitações impostas na vida cotidiana.

No Brasil o incentivo maior a leitura literária ocorreu após o fim da ditadura política de 1964, então nas circunstâncias de reestruturação social do país, foi necessário uma nova articulação de diversos elementos que formavam a representação da sociedade brasileira, de uma forma mais específica os

educadores, pedagogos e instrutores. Esse grupo objetivou os anseios de uma educação mais consolidada e voltada a uma educação realmente estratégica e democrática, começou-se a processar, reformular e efetivar novos programas educacionais ofertados pelo governo. Esses programas tinham como objetivo melhorar a educação no que se referia a alfabetização e um desequilíbrio na leitura escolar no Brasil. Através desses programas o interesse pela aprendizagem foi maior, acarretando na criação de outros programas educacionais não somente de níveis básicos, mas também de nível superior. (ORLANDI, 1995)

A literatura tornou-se então temas de várias discussões e estudos, e os resultados foram os melhores possíveis, pois foram sendo constituídas novas formas de interagir, pensar, refletir e produzir indagações baseadas em argumentações contundentes. A literatura que antes era trabalhada para ensinar somente sobre gramática normativa, passou a obter o seu real sentido literário (LAJOLO, 1979; 1982).

## **CAPÍTULO 2– CONTOS DE FADAS ENQUANTO LITERATURA**

A literatura infantil é uma arte, onde implica que haja um desenvolvimento da criatividade, pois os seres e a vida serão representados através das palavras.(CANTON, 2009).

Sendo assim, reconhecemos que os contos de fadas fazem parte de literaturas antigas que exercem o papel de expressar para a criança as circunstâncias que ocasionam vários sentimentos e reações diversas, como por exemplo: As curiosidades, o medo de tal situação ou de algo, os desejos que porventura a criança sinta, entre outros.

Os contos de fadas também permitem que a criança compartilhe de alguns problemas que podem fazer parte de sua realidade, como: uma ausência afetiva, discórdias entre familiares, falta de recursos na família e a maldade no mundo. Quando contextualizamos esses contos com a nossa realidade, percebemos que estão bem mais próximos de nós do que imaginávamos, e para que esses contos tenham uma importância considerável na vida das crianças, é necessário que haja uma evolução de soluções ao decorrer do conto e que ao final da narrativa as crianças saibam perceber os seus problemas e simultaneamente criarem respostas para seus questionamentos. Por isso entendemos a importância de provocar a

imaginação em cada criança, pois uma história quando contada tem o poder de encantar aquele que ouve. (BETTELHEIM 2002).

Para que os contos realmente provoquem as crianças, seria mais interessante serem contados ao invés de serem somente lidos, pois quando contado existe toda uma abrangência emocional tanto na história quanto na criança, gerando uma maior compreensão. (CANTON, 2009).

Através dos contos de fadas a criança alicerça seu sofrimento com conhecimentos, pois quanto mais alternativas ficcionais forem oferecidas para as crianças mais elas conseguiram elaborar e organizar seus dramas (BETTELHEIM, 2002).

No que diz respeito a origem dos contos de fadas, o que se faz muito importante para uma compreensão mais apurada do que vamos tratar, entende-se que estes são narrativas muito antigas e que inicialmente não eram voltados exclusivamente para as crianças, como nos mostra Kupstas (1993, P.53) em seu livro “Os sete contos de fadas”.

Os contos de fadas são narrativas muito antigas e que, logo no começo, não se destinavam às crianças, eram mitos difundidos por inúmeros povos como os Hindus, os Persas, os Gregos e os Judeus. Essas primeiras histórias eram conhecidas como mito e eram, na verdade, expressões narrativas de conflitos entre homem e a natureza.

Já o que se refere ao mito, “que é uma narrativa utilizada pelo povo grego, originário da antiguidade, que consiste em explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, origem do mundo e do homem e compreendê-los”, Coelho (2005) destaca que este foi se perdendo ao longo do tempo e assim as narrativas ganharam espaço, pois são elas que nos falam de deuses, duendes, heróis. Sabe-se que desde os primórdios da humanidade, o homem mostra uma necessidade de contar histórias, isto surgiu quando o ser primitivo começou a buscar explicações racionais para o que acontecia ao seu redor e para o mundo. Como exemplo, podemos destacar as narrativas que envolviam os relâmpagos, ou seja, para o indivíduo primitivo os relâmpagos eram armas dos deuses. Com isso, entende-se que o ser humano sempre teve a consciência de que existia algo além dele e do mundo que o rodeava, ou seja, cria que existia forças misteriosas e invisíveis que tinham poder sobre todos os fenômenos (Coelho, 2005).

O processo de aprendizagem é algo complexo e em decorrência disso exige varias formas e estratégias, nesse sentido os contos de fadas tornam-se importantes na formação, ou seja, no processo de ensino aprendizagem.

O indivíduo é também um ser complexo e para que ele se torne um bom ouvinte, um bom leitor e um bom interpretador é sobretudo necessário que ele consiga compreender essas leituras e para tanto faz-se é importante entre outras coisas aguçar sua imaginação, daí a relevância dos contos de fadas, como nos mostra Coelho,

Os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. (COELHO 2005,p.17)

Mais especificamente sobre a origem dos contos de fadas, tendo como base a concepção de Kupstas (1993), estes surgiram como poemas, sendo originários do povo Celta. Segundo a historiografia o povo Celta começou a acrescentar detalhes às histórias antigas, entre outras coisas, a mais curiosa foi a presença de fadas. Para eles quem eram as fadas? Eram sempre mulheres que tinham o objetivo de proteger alguém em especial, eram mulheres iluminadas com capacidade de prever o futuro. E de onde vieram as asas, e as varas de condão, bem como o tamanho minúsculo das fadas? Sabe-se que tudo isso é resultado da imaginação popular ao longo do tempo. As fadas eram sempre mulheres com virtudes e poderes sobrenaturais que sempre agiam quando não havia mais solução natural.

A literatura cortesã-cavalheiresca se destaca com as primeiras referências às fadas, nesse contexto Coelho faz menção sobre a origem das fadas.

Enfim, o que se divulgou, durante a Idade Media até a Renascença como peculiar ao espírito Celta, levou os estudiosos a determinarem, quase com exatidão o povo no seio do qual nasceram as fadas: o povo Celta (COELHO,2005,p.33).

Em seu livro “*O conto de Fadas*”, Coelho (2005) destaca uma afirmação feita por Dora Van no livro “*O mundo Real das Fadas*”, onde a mesma diz que fadas são criaturas que pertencem aos quatro reinos elementares, ou seja, ar, terra, fogo e água.

É importante salientar que, segundo Coelho (2003) muitos autores contribuíram de forma consistente e significativa para a recriação dos contos de fada

dentro da literatura infantil, entre os quais estão Charles Perrault, Jean de La Fontaine e os irmãos Grimm.

As recriações aconteceram, principalmente porque os primeiros contos tinham como cerne intrigas, desequilíbrios e injustiças, além de violências, a exemplo disso podemos destacar Charles Perrault e os irmãos Grimm que davam ênfase a sentimentos que não fossem violentos, desta forma destacavam o bom caráter da princesa ou a esperteza do mais fraco e assim os contos de fadas chegaram até nós, sendo lapidados através dos tempos e adequados à aceitação social.

Perrault foi um dos originários a relacionar os contos populares franceses, mesmo que inicialmente seu público alvo não eram as crianças, ele possuía um cuidado de modificar e adequar para que essas narrativas pudessem ser lidas e ouvidas também pelas crianças. Ele queria que as crianças também tivessem acesso a essas histórias, pois sabia que se elas compreendessem o sentido de cada conto, isso seria um fator importante para o desenvolvimento emocional e intelectual de cada uma delas (BETTELHEIM, 2002).

O autor se preocupou de uma forma tão especial que buscou extinguir todos os fragmentos que destacavam linguagens obscenas, trechos que tratavam de atos repulsivos para a leitura feita por uma criança, procurou eliminar também todas as partes dos contos onde continham canibalismo, sexo e outras coisas inadequadas, tudo isso para que a literatura também pudesse ser compartilhada para as crianças. Sempre na conclusão das narrativas, Perrault se posicionava sobre a “moral de cada história contada” através de versos, pois ele acreditava que esses contos precisariam significar algo muito além do que uma simples narrativa necessitava ter um significado moral para a sociedade, então podemos perceber que até os dias de hoje esses contos são importantes para a sociedade, pois já se passaram anos e anos e continuam sendo narrados e transmitindo valores essenciais para o indivíduo. (CANTON, 2009)

Charles Perrault tornou-se o escritor mais aclamado nesse universo. Seu talento inclui o domínio da linguagem aliado a um humor refinado, que muitas vezes apoia abertamente os códigos da aristocracia barroca de Luís XIV, mas que também faz críticas sutis a seus exageros. Perrault também é exímio na criação de moralidades, que fecham cada conto com um poema, que resume a lição de moral ou de civilté que ele intencionava transmitir ao leitor. (CANTON, 2009, p. 25).

É importante entender que quando Perrault começou a escrever estava acontecendo algumas modificações na sociedade por decorrência de motivos políticos, morais, sociais, econômicos e até religiosos, existia um resistente confronto religioso, onde de um lado havia os católicos e por outro lado os protestantes. Devido essas mudanças Perrault preocupava-se com a vida educacional da criança, pois elas estavam vivendo um momento de transição social que possivelmente afetaria de uma forma negativa na educação das mesmas. Toda essa preocupação que Perrault sentiu, teve como resultado uma relevante valorização, importância e reconhecimento de toda aquela garotada perante aquela sociedade. Transformações expressivas ocorreram nos comportamentos de todos que viviam naquele momento, em especial pelas famílias com referência aos seus pequenos, que tinham seu aprendizado inicial decorrente dos ensinamentos passados pelos adultos. A partir daí foram despertados na sociedade, o afeto e sensibilidade pela infância, singularidade que torna diferente as crianças dos adultos. Sendo assim, Perrault transforma seus contos em uma referência para caracterizar tal transição da sociedade da época. (CANTON, 2009)

Muito tempo depois de Perrault, surgem no cenário literário dois escritores alemães: Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), mais conhecidos como “Os Irmãos Grimm”. Originados de uma família humilde, perderam seu pai muito jovens, e desde então precisaram trabalhar para obterem o sustento. Começaram a trabalhar como bibliotecários, e a partir daí iniciou-se o contato com a escrita literária, pois alguns escritores pediam a colaboração dos irmãos para seus escritos, e assim foram tomando conhecimento de várias outras narrativas (BETTELHEIM, 2010). Eles se identificaram tanto com a escrita que despertaram a vontade de obter cada vez mais conhecimento das narrativas, assim buscavam essas informações de materiais impressos e publicações da época. Os irmãos Grimm tinham um grande respeito pelas obras já escritas, não alteravam tais histórias, eles analisavam, escolhiam uma versão mais aproximada e então mantinham a narrativa original. Porém assim como Perrault, os irmãos perceberam que poderiam contribuir um pouco mais através dos conhecimentos que já teriam alcançado. Então começaram a rever os contos de uma forma diferente, em que as narrações foram ganhando algumas modificações um pouco mais educativas, e assim transformavam essas histórias em narrativas infantis, a propósito já incluindo valores da época. (RADINO, 2003).

Uma característica interessante dos irmãos Grimm é que procuravam ser cada vez mais cativantes nas suas escritas, pois se preocupavam como o leitor entenderia cada conto. Eles tinham o cuidado de fazer com que as pessoas se encantassem pela história, de uma forma que os fizessem se sentir de fato dentro da história.

Seus contos tratam da eterna luta pela existência, seja externa, a partir de privações, ou interna, frente às injustiças, em que os heróis conseguem vencer as adversidades e formar um novo lar. Apesar de até hoje não existir uma tradução brasileira completa das obras dos irmãos Grimm, Adelino Brandão (1995) mostra a forte influência, mesmo que indireta, de seus contos na cultura popular brasileira. (RADINO, 2003, p. 86)

Desta forma percebemos que a origem dos contos de fadas não era especificamente voltada para crianças, mas que foi moldado ao longo dos anos para que as mesmas pudessem ler, compreender, se divertir através desses contos e também serem ensinadas com lições morais sobre cada narrativa. (RADINO, 2003)

Já no Brasil os contos de fadas surgiram no final do século XIX. (COELHO, 2005) Surgiram como contos de carochinha e apresentaram como principal característica a magia feérica (nome dado ao tipo de magia que lida com criaturas mágicas - principalmente Fadas, porém Elfos, Unicórnios, e outros tipos de seres mitológicos). Esse tipo literário no Brasil está associada com um sentimento de que faltava algo com uma atenção mais pedagógica nas escolas, algo que pudesse ser dinâmico e que proporcionasse um despertar nos indivíduos leitores. Em meados de 1800, a cultura estava sendo dominada pelos portugueses que haviam estabelecido morada no Brasil, e que com o passar dos anos estava ganhando mais espaço na sociedade brasileira. Foi então que surgiu uma grande preocupação pelos educadores brasileiros, perceberam que precisariam mudar algumas no currículo escolar daquela época; toda a alfabetização era voltada por meio de ensinamentos fluentes de Portugal e da França, os livros que naquela época eram chamados de cartilhas e até mesmo as gramáticas ensinadas nas escolas tinham sua origem fora do Brasil (COELHO, 2005).

Então os educadores brasileiros da época entenderam que era necessário a criação de algo próprio, com sentimentos e ideias geradas no Brasil, mostrando que era de uma grande importância o fato de se criar algo tal relevante para a educação e que pudesse ser considerado como cultura do país.

Construir um texto que valorize a fantasia e deixe de lado o caráter realista constituiu um dos eixos centrais da ruptura de Lobato: “[...] O texto deveria não auxiliar a criança na inserção da realidade adulta, transmitindo-lhes preceitos morais, mas permitir que ela se evadisse da vida cotidiana, transportando-se para um universo interno ao texto.” (RADINO, 2003, p.101).

Começou então a serem produzidos alguns livros que obtinham valores sociais, cívicos, religiosos e tradicionais. Foram originando-se outros livros brasileiros com conteúdos mais lúdicos e pedagógicos, voltados para as crianças, por exemplo: “Histórias da Baratinha”, “Histórias da Avozinha”, “Contos de Fadas” etc., de Figueiredo Pimentel (1896-1914), são contos que refletem a importância dessa produção literária dentro do nosso país. Um dos primeiros escritores a trazer o lúdico para nossas leituras foi Monteiro Lobato (1882-1948), pois ele valorizava o fato de que o lúdico e a fantasia poderiam contribuir para o ensino-aprendizagem das crianças, pois começava-se a surgir um novo conceito de educação infantil (RADINO, 2003).

Até aquele momento antes de Lobato, as crianças eram vistas e tratadas como um modelo reduzido dos adultos, meras pessoas sem nenhum valor específico para a sociedade. Mas, com as obras de Monteiro Lobato que eram baseadas nos próprios filhos do autor, esses pequeninos começaram a adquirir seu real valor, pois Lobato dava uma importância magnífica para isso. Contemplava a criança como um ser humano em transformação e desenvolvimento, e o mais importante: Mostrava que as elas tinham uma função indispensável na sociedade. As obras de Lobato eram totalmente fictícias, sem descrever fatos reais trabalhando apenas com a imaginação, o autor incluía a criança em um outro mundo, totalmente lúdico, fora do real, com a intenção de que quando a mesma começasse essa leitura, pudesse ser conduzida a entrar de fato dentro da história através da sua imaginação. A junção do imaginário com o real possibilita que essa garotada tenha um desenvolvimento melhor, pois ficará mais desprendida para ter seus próprios conceitos e imaginações de uma forma mais dinâmica e divertida.

Percebemos que a literatura pode ser considerada como uma das expressões mais significativas do ser humano, haja vista que a busca pelo saber bem como o domínio sobre a vida é algo extremamente latente.

## 2.1 A importância dos contos de fadas.

Aprender a ler é extremamente importante para a formação e desenvolvimento de todo indivíduo, pois através da leitura temos a oportunidade de aumentar nosso conhecimento cognitivo e social. Os livros podem nos fascinar, e nos tornar experientes enquanto leitores. Ouvir histórias é o começo de um novo aprendizado, é onde o processo para ser um bom leitor começa de fato a ser formalizado, ouvir histórias também nos proporciona criar um imaginário antes desconhecido (BETTELHEIM, 2002).

Tratando neste trabalho sobre contos de fadas, conseguimos compreender que são tão importantes quanto outras histórias de um outro gênero, pois os contos trazem uma outra dimensão de imaginação, especialmente para as crianças, possibilitando também que a curiosidade delas seja de algum modo desenvolvida. A narrativa em forma de Conto de fadas oportuniza a chance de conhecer um mundo em que existem vários personagens com características distintas um do outro, problemas antes sem solução e agora solucionáveis, e assim dificuldades que fazem parte do nosso cotidiano são vistos com mais clareza pelas crianças. (BETTELHEIM, 2002).

Desta maneira, constatamos que os Contos de fadas são de grande importância para a educação infantil e ensino fundamental, pois através deles as crianças poderão se socializar com ambientes e situações que as circunstâncias da vida lhe proporcionarão.

Segundo Bettelheim (1980) os contos de fadas são singulares, uma vez que são totalmente compreensíveis. É de grande relevância ressaltar que os contos de fadas podem ter para a mesma pessoa significados diferentes, bem como pode ter significados diferentes para cada pessoa.

Temos constatado que por meio dos contos infantis a criança e o adolescente desenvolvem muito dos seus sentimentos e conseqüentemente aprende a lidar com muitas sensações.

Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciência. (JEAN DE LA FONTAINE, SECULO XVII, p.36).

Os contos de fadas é a abertura para o mundo imaginário e, por conseguinte o preparo para vivenciar o mundo real, uma vez que em seus enredos norteiam sempre sentimentos comuns a todo ser humano. Dessa forma os contos de fada influenciam significativamente porque alcançam profundamente o cognitivo e as emoções (CANTON, 2009).

A leitura é com certeza um dos atos mais magníficos de todos nós. Seja para qual finalidade for essa leitura, para redigir um texto, elaboração de um trabalho de pesquisa, ou simplesmente pela fascinação e privilégio de ler. Ela participa do processo formativo, elucida fatos, complementa e constitui percepções e prepara para os dilemas do cotidiano.

Caldin (2009, p.28) diz que “pela leitura desvendamos o mundo: o mundo do texto, o mundo da imaginação, o mundo exterior, o mundo sensível, somos comovidos, instigados e sentimos o impacto do mundo”. Seja crianças ou adultos, quando começamos a ler, viajamos por um mundo mágico e muitas vezes transformador, a leitura nos traz novas possibilidades de ver a vida abrindo em cada página um universo novo. Em qualquer momento que estivermos vivendo a leitura sempre será importante, porém na infância, bem na idade inicial das atividades escolares essa deve ser influenciada e incentivada, deve ser apresentada como algo necessário e importante trazendo seus encantos no ato de ler. Com isso constatamos a importância da educação dialógica, uma vez que partir dos interesses da criança, bem como de seus conhecimentos concretos favorece o seu desenvolvimento.

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias(...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 2008a, p.131)

Sendo assim, a leitura passará a ser tão importante para a criança e sua formação que o ato de ler será uma ponte de construção para uma vida rica e dinâmica em todos os sentidos.

A leitura em si já traz grandes benefícios ao leitor e quanto mais cedo for a entrada nesse universo, seja como apenas ouvinte ou como um leitor de fato, melhor e maior será o retorno à medida que as primeiras obras forem lidas forem se consolidando como influência, pois a princípio estará somente no imaginário de cada

pessoa, mais logo em seguida observará que através do hábito de ler terá novos argumentos e possibilidades para enfrentar situações reais em seu cotidiano, em suas experiências, e em seus sentimentos, ou seja, na sua própria realidade.

No processo de ensino aprendizagem os contos de fada se tornam importantes porque contribuem para o desenvolvimento social, é necessário, sobretudo que os contos sejam bem contados de tal forma que despertem o interesse de quem os ouve. Como nos mostra Bettelheim,

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que aperturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM,1978,p.20).

O mundo imaginário dos contos de fada é de suma importância para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento psicológico, emocional, físico, entre outros. Há sentidos bem mais profundos e complexos nas histórias de contos de fadas do que a realidade de uma vida adulta nos mostra e ensina. Podemos dizer que os contos e histórias infantis ajudam a criança não apenas a desenvolver seus sentimentos, mas lidar e trabalhar com essas sensações e anseios que uma história infantil nos traz.

É fascinante para um adulto lembrar as histórias de contos de fadas que marcaram sua infância. Seja qual for a história, seja alegre ou triste, de alguma forma nos ensina algo, depende do olhar de cada um.

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo de contos de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. (BETTELHEIM, 2015, p.21)

Escolhemos alguns contos para serem trabalhados: Cinderela, Rapunzel e João e Margarida, sendo os três dos Irmãos Grimm. A escolha por esses contos se deu, porque são narrativas que mesmo com muito tempo criados, podem ser contextualizados para realidade de hoje, pois continuam atuais através das suas reflexões.

“Cinderela”, tal como a conheceu, é vivenciada como uma história a respeito das agonias e esperança que formam o conteúdo essencial da rivalidade fraterna, bem como a respeito da vitória da heroína degradada sobre as irmãs que a maltrataram.  
(BETTELHEIM, 2015, p.329).

Os contos infantis são contados desde a antiguidade e podemos os considerar como uma riqueza tanto intelectual quanto sentimental. Suas narrações trazem um misto de emoções comuns a todas as pessoas como: alegria, tristeza, ambição, raiva, ódio, inveja, rejeição ciúme e frustração, sentimentos e emoções que só podem ser compreendidos através do mundo da fantasia. (BETTELHEIM, 2015)

Os contos de fadas servem também como “ponte” para que as pessoas, tanto crianças quanto adultos, descubram suas emoções, pois nos envolvem com suas histórias que nos instigam ou a comover-nos com a sorte e felicidade dos personagens, ou a sentimentos que envolvem muita aventura e adrenalina, ou quem sabe nos entristecemos com as injustiças e sofrimentos pelos quais os personagens passam. Nos envolvem dessa forma porque quando trazemos para nossa realidade percebemos que são situações e experiências do nosso dia a dia, do cotidiano que cada um de nós vivemos, nos permitindo e nos identificando com cada história e cada personagem.

Quando as histórias de contos infantis são contadas as crianças, os personagens acabam ajudando-as a superar de alguma forma uma dificuldade ou algum trauma trazido da infância, tornando a mais confiante e otimista.

## **2.2 Contos de fadas e o desenvolvimento infantil.**

O processo de ensino-aprendizagem abrange muitas áreas no ser humano. Dentro deste panorama destaca-se a literatura como sendo de extrema importância, em especial no ensino fundamental, mais não menos importante nos outros níveis de escolarização. A literatura, ou seja, os contos de fadas podem proporcionar a criança e ao adolescente o despertar da curiosidade e da criatividade, bem como pode aguçar o raciocínio e auxiliar nas análises subjetivas. (LAJOLO, 1995).

Os contos de fada conseguem influenciar de forma significativa as crianças e adolescentes em seus conflitos existenciais, uma vez que estes se identificam com os personagens. Diante desta realidade é importante ressaltar que na educação, é

de sobremodo relevante o uso do conto de fadas, haja vista que as contribuições para o desenvolvimento geral da criança e do adolescente não se pode medir, no entanto podemos destacar que o desenvolvimento psicossocial, afetivo e cognitivo são os mais beneficiados e, por conseguinte todas as outras áreas do desenvolvimento, tudo isto se dá em decorrência da internalização de valores éticos adquiridos com a assimilação dos contos de fadas (LAJOLO, 1995).

Segundo Coelho (2005, p.37), “A literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra, o pensamento, as ideias, a imaginação, exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do ser humano”. Com isso, entende-se que a literatura possibilita uma compreensão não apenas simplesmente do que lê mais de tudo o que se passa ao seu redor, e assim, consegue agregar valores e saberes. Em um momento, este mesmo autor volta a afirmar: a literatura infantil é arte! Esta afirmação se sustenta no fato em que a criança e o adolescente ao ler tal obra de arte consegue fazer uma correlação entre o real e a ficção.

A literatura não é copia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta, ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário a, como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais. (PCN 1998).

No que se refere ao desenvolvimento da criança e do adolescente é importante ressaltar que o desenvolvimento cognitivo é de fundamental relevância, uma vez que é através deste que o indivíduo consegue entender, refletir e aprender. Com isso fica fácil constatarmos que a literatura infantil proporciona o desenvolvimento intelectual, esta é mais uma razão da importância dos contos de fada.

Os contos de fadas são tão ricos que tem sido fonte de estudo para psicanalistas, sociólogos, antropólogos, cada qual dando sua interpretação e se aprofundando no seu eixo de interesse. (ABRAMOVICH, 1994,p.121)

De acordo com Abramovich (1994, p.21) todos os contos de fada conseguem transmitir para seus leitores, em especial crianças e adolescentes questões existenciais, pois, “falam de amor, da dificuldade de ser crianças, de carências, de outras descobertas, perdas e buscas, questões fundamentais na vida”.

Em outras palavras, podemos destacar que os contos de fadas contribuem de forma extremamente significativa, no que diz respeito ao desenvolvimento integral da criança e do adolescente. Através da leitura e interpretação dos contos é possível externalizar sentimentos, pensamentos e convicções uma vez que o cognitivo, psíquico e sócio afetivo estão em total atuação.(ABRAMOVICH, 1994).

Todos os contos de fadas são apresentados por meio de uma linguagem simbólica e/ou imagens, o que proporciona a criança e ao adolescente uma facilidade em compreender e imaginar o que está sendo contado. Nesse sentido Bettelheim destaca.

O conto de fadas é em grande parte o resultado de o conteúdo comum consciente e inconsciente ter sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em particular, mas pelo consenso de várias a respeito daquilo que consideram problemas humanos universais e do que aceitam como soluções desejáveis. Se todos esses 16 elementos não estivessem presentes num conto de fadas, ele não seria recontado por gerações e gerações (BETTELHEIM, 2010, p.52).

O que se tem constatado ao longo dos anos, no que concerne aos contos de fadas é que as crianças que tem contato com a literatura conseguem com maior facilidade recriar o que foi ouvido, bem como construir um “*novo mundo*” a partir da interação com o outro, ou seja, o conto permanece por toda a vida no inconsciente de quem o ouviu e sempre apresenta questões positivas, as quais podem ser vividas na vida real.

Essa é a mensagem que os contos de fadas transmitem às crianças de forma múltipla uma luta contra as dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana; e se a pessoa não se intimida, mais se defronta de modo firme com as pressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p.6).

No que nos propusemos a trabalhar, temos compreendido que as crianças são constantemente confrontadas ao lerem os contos de fadas. Isso acontece quando elas se deparam com situações que as levam a “*tomarem*”, ou no mínimo perceberem as decisões que foram tomadas no que se refere aos dilemas apresentados nos contos.

Aqui, cabe ressaltar que no desenvolvimento geral da criança a presença dos pais é muito importante no processo de ensino-aprendizagem. Bettelheim aborda essa questão.

É exatamente tão importante para o bem-estar da criança sentir que seus pais compartilham suas emoções, divertindo-se com o mesmo conto de fadas, quanto seu sentimento de que seus pensamentos interiores não são conhecidos por eles, até que ela decida revelá-los. Se o pai indica que já os conhece, a criança fica impedida de fazer o presente mais preciosos a seu pai, o de compartilhar com ele o que até então era secreto e privado para ela (BETTELHEIM 1980,p.26-27).

O ato de contar histórias para os filhos, não só estreita laços afetivos, como desperta o interesse pela linguagem oral e escrita. Na verdade com a rotina completamente preenchida, muitas vezes essa atitude de compartilhar leitura com os filhos está aos poucos desaparecendo da vida familiar, e isso obviamente não é bom, porque é ouvindo as histórias que a criança vai entrando neste mundo mágico e transformador da leitura, e com isso trará consequências benéficas para sua vida, por exemplo; poderá ampliar e enriquecer seu vocabulário e o seu pensamento será desenvolvido cognitivamente e afetivamente (BETTELHEIM 1980).

Sem contar que as histórias contadas contribuem para a formação do caráter dessa criança, pois é importante sempre refletir as lições de cada história, pois isso despertará uma sensibilidade diante das circunstâncias parecidas que porventura venha surgir perante a mesma. Por isso é importante esse momento de compartilhamentos entre pais e filhos, essa atitude é necessária para a formação de um bom cidadão no futuro, e afinal de contas será um momento memorável na vida de ambos (BETTELHEIM 1980).

É um atributo dos contos de fadas exporem sobre uma situação problema existente. Isso faz com que a criança perceba e entenda que há um conjunto de questões e dificuldades que precisam de soluções, e ela irá compreender que todas essas situações podem de alguma forma fazer parte da vida real, e cabe a ela definir se essa problemática pode torna-se significativa ou não. A criança assimilará mais fácil se porventura ela própria, ou alguém que ela conheça, estiver vivendo um momento de uma situação parecida ou semelhante ao da narrativa, assim a história se torna bem interessante, e poderá ajudar na resolução de conflitos reais. (BETTELHEIM, 2002).

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações

inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. ( BETHELHEIM, 2002, p.15).

Os contos também tinham uma abordagem de que era necessário haver batalhas com grandes confrontos, levando em consideração a intenção de que o mal teria que ser derrotado.

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (BETHELHEIM, 2002, p.16).

Bettelheim ainda nos explica que para que essa vitória acontecesse com sucesso, era fundamental a presença de heróis que iriam desenvolver o papel que cada criança se identificaria.

Compreendendo a importância dos contos de fadas enquanto literatura, como são essenciais para o desenvolvimento dos seres humanos ainda crianças, e atentando ainda para o fato de que contar essas narrativas é fundamental, vamos continuar observando essa importância no capítulo seguinte onde abordaremos sobre o desenvolvimento psicológico moral, na visão de Piaget.

## **CAPÍTULO 03 – DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO MORAL DENTRO DA PERSPECTIVA PIAGETIANA**

### **3.1 Os estágios do desenvolvimento moral: anomia, heteronomia e autonomia.**

Neste capítulo abordaremos o desenvolvimento psicológico moral refletido no ponto de vista de Piaget (1994). Também iremos observar e analisar os estágios do desenvolvimento moral que são: Anomia, heteronomia e autonomia e ao fazer essa análise começaremos a compreender as diferenças dos comportamentos dos indivíduos na sociedade. Piaget (1994) demonstra em suas análises um grande interesse pela formação das pessoas, tanto cognitiva quanto moral, e é importante destacar que as perspectivas do autor sobre o desenvolvimento cognitivo trazem uma investigação de outros aspectos como o social, afetivo, e o moral que é o que trataremos com ênfase neste trabalho (Piaget, 1994).

Quando estudamos sobre desenvolvimento psicológico moral, observamos que há uma necessidade de comparar as relações entre as simples argumentações e as práticas exercidas pelos indivíduos, e levá-las a refletir sobre essas atitudes e também sobre as atitudes de outras pessoas.

Entretanto, ao observar essas relações é preciso dar importância a uma parte do desenvolvimento que podemos denominar como: tomada de consciência. Neste capítulo analisaremos este assunto através de alguns conceitos sobre desenvolvimento moral. Abordaremos mais especificamente tomando como base a concepção de Piaget (1973) e suas teorias: Anomia, Heteronomia e Autonomia, teorias que tratam a fundo sobre esse desenvolvimento que estudaremos.

Tem-se compreendido que é importante buscar e incentivar o altruísmo nas pessoas logo no início de seu desenvolvimento, haja vista que já os primeiros ensinamentos vão formando a conduta e o caráter, e logo no decorrer de seu desenvolvimento observaremos sua evolução até ter os seus próprios fundamentos relacionados a moral, porém, em algumas situações podem ocorrer algum tipo de intervenção de uma pessoa com mais autoridade. Além disto, existe ainda o desafio de vencer os problemas e obstáculos do seu desenvolvimento natural. Portanto, é necessário que consigamos refletir sobre as regras e sobre aquilo que a consciência demonstra ser melhor para todos, pois nem sempre o que é ditado como regra será o melhor para todos (PIAGET, 1973)

A Tomada de consciência na teoria de Piaget, diz respeito a uma relação entre a prática e teoria da vida moral.

A tomada de consciência, parte da periferia (objetivos e resultados), se orienta em direção das regiões centrais da ação assim que ela procura atingir o mecanismo interno desta: reconhecimento dos meios empregados, razão de sua escolha ou de sua modificação em curso, etc. (Piaget, 1977, p.163)

Para Piaget (1977) o principal não é saber como a criança (indivíduo) coloca em prática sua moral, mas como a mesma julga o bem ou o mal na própria prática das suas atitudes e também fora delas.

No que se refere a lógica do funcionamento mental da criança dentro da concepção de Piaget, entende-se que é de fácil percepção a diferença, e nesse caso quantitativamente, do funcionamento do adulto, foi a partir desse pressuposto que começou-se a investigar o amadurecimento da criança. E aí, compreende-se que o desenvolvimento cognitivo da criança passa por incontáveis desequilíbrios e equilíbrios, e é nesse momento que dois mecanismos se manifestam, a assimilação e a acomodação.

O desenvolvimento cognitivo da criança matura através de constantes desequilíbrios e equilibrações. Dois mecanismos aparecem para alcançar um novo estado de equilíbrio: a **assimilação**, no qual o ser desenvolve ações destinadas a atribuir significações, a partir de um fato anterior e aos elementos do ambiente com os quais dialoga; e a **acomodação** surge quando o organismo tenta restabelecer um equilíbrio superior com o meio ambiente, agora, o ser é impelido a se modificar, e se metamorfosear para se ajustar ao meio, (GADOTI, 2004, p.105).

Com isso percebe-se que os mecanismos processuais do pensamento do homem é o que norteia a teoria de Piaget (1977), daí a necessidade em compreender tais mecanismos, pois os mesmos estão diretamente ligados à formação do pensamento lógico.

Para Piaget (1973), as crianças podem passar por três tendências fundamentais da vida até chegar a uma idade adulta, e isso ele concluiu observando e realizando pesquisas sistêmicas com algumas crianças entre elas seus próprios filhos. Observou-se que as crianças não pensam como adultos, e talvez seja uma resposta tão óbvia aparentemente, porém ao contrário do que alguns críticos pensam, é uma questão que merece uma atenção diferenciada, psicologicamente falando. Para Piaget (1994), os valores morais precisam ser inseridos na vida de

uma pessoa ainda enquanto criança, esses valores e questões morais são iniciados, construídos e organizados a partir do momento que há uma relação da criança com vários ambientes sociais e durante uma convivência diária com o sujeito adulto, tais valores podem se estruturar como esquemas cognitivos de pensamento que atuaram nas situações de dilemas morais e sociais.

“[...] toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o sujeito adquire por essas regras” (PIAGET1994, p.23)

Sendo assim, podemos avaliar que será um procedimento que levará um determinado tempo. O primeiro momento desse desenvolvimento é a Anomia.

A anomia já se está presente no bebê, por exemplo, quando uma criança quer algo ela quer ser atendida na hora. Quando está com fome ou sede, não importa o momento ela quer satisfazer sua vontade, isso faz parte do seu egocentrismo infantil, e é normal e natural para sua idade. As necessidades nesta fase de desenvolvimento caracterizam e determinam sua conduta, o cognitivo da criança ainda não está evoluído de modo que consiga aguardar para as suas necessidades ou simplesmente compreender. Faz parte desse momento o “agora”, o “tempo real”, que não há discernimento para aguardar o tempo oportuno de fazer tal coisa”. Essa fase começa no nascimento de uma criança e se prolongar geralmente até os cinco anos de idade. Porém a anomia se desenvolve, conforme o desenvolvimento natural da criança começa-se processar. (Piaget, 1994).

“[...] as regras derivadas da moral ainda não estão associadas, para a criança, a valores como o bem e o mal, o certo e o errado. [...] trata de hábitos de conduta: são apenas coisas que se fazem.” (LA TAILLE, 2006, p. 97).

Geralmente a moral não está imposta como regra nesta fase, as condutas são definidas de acordo com as necessidades básicas de uma criança. Todavia, quando as regras são cumpridas e obedecidas, são seguidas simplesmente por uma questão de hábito ou uma necessidade de fazer. No período da anomia os indivíduos conhecem as regras, mas não são capazes de cumpri-las, em razão disso é típico fazer parte do mundo das crianças, mas nem por isso fica restrito somente a elas. Existem muitos adultos que também integram esse grupo, e percebemos isso através das suas atitudes inconsequentes e insensatas. Em todos os estágios

podem haver pessoas de todas as idades, inclusive na anomia. Quando falamos em descumprimento de regras já pensamos em crianças, talvez por estarem começando a aprender o que é certo e o que errado, mas precisamos entender que o desenvolvimento moral na psicologia de Piaget (1994) vai muito além do que simplesmente isso, pois é necessário que os atos e comportamentos das pessoas sejam avaliados para que possamos compreender em qual fase cada indivíduo faz parte, demonstrando que não é a idade que determina a maturidade moral, e sim se tal pessoa teve, ao longo de sua vida, oportunidades de desenvolver suas características psicológicas (PIAGET, 1994).

Já a heteronomia tem entre seus sinônimos: Dependência e obediência. Duas palavras com sentidos fortes e valiosos. A heteronomia é uma prática a qual as normas de condutas a serem seguidas provêm de fora. São regras que já foram criadas por alguém e agora outros sujeitos irão obedecer. (PIAGET,1994).

A palavra heteronomia é formada por duas palavras gregas: “*hetero*” que significa “diferente” e “*nomos*” que quer dizer “lei”. Desse modo, é a aceitação de regras ou normas que não são exclusivamente nossas, mas que aceitamos e reconhecemos como legítimas para estar presente em nossa vida diariamente, orientando a nossa consciência a distinguir com clareza a virtude moral de cada atitude nossa.

[...] significa ser governado por outros, fora de nós; por outro lado, quando decidimos seguir certas regras, normas e leis por vontade própria, independente das consequências externas imediatas, estaremos sendo autônomos (MENIN, 1996, p.40).

A fase da heteronomia refere-se a compreensão e consciência de regras. As pessoas começam a perceber e entender que há uma necessidade de obedecerem às regras para que as coisas aconteçam de uma forma correta. Contudo, devemos ressaltar que, nessa fase da heteronomia ainda não existe um empoderamento que faça com que os indivíduos ajam por si só, é necessário que haja sempre alguém direcionando e orientando nas suas decisões. A heteronomia também é identificada como o período em que as pessoas começam a inferir que seus atos sempre serão acompanhados de algumas consequências, sejam elas boas ou não. Assim entendemos que as regras também servem para nos prevenir de determinadas consequências frustrantes de determinados atos. (PUIG, 1996). A heteronomia

como parte do desenvolvimento moral é importante, seu prejuízo consiste na prevalência dessa tendência na idade adulta, uma vez que, um adulto deve seguir ou não regras sociais a partir de uma tomada de consciência sobre as circunstâncias e não porque alguém mandou ou a maioria segue.

Na Heteronomia as crianças ainda estão formando seus aspectos psicológicos, acabaram de sair de um momento de suas vidas em que suas necessidades eram atendidas prontamente, e agora estão começando uma nova fase, na qual precisam aprender que existe a obediência e que ela foi criada para ser cumprida, e que além da obediência, existem regras que como sociedade precisamos cumpri-las. A criança começa a observar essas regras como absolutas, intangíveis, imutáveis, que de maneira alguma podem ser desfeitas.

Segundo Piaget:

A moralidade heterônoma predominaria em indivíduos de 8 e 9 anos e se caracteriza pelo constrangimento, pela obediência e respeito unilateral da criança para o adulto. Assim predomina o dever exterior e a obediência temendo o castigo. (PIAGET,1973, p.273)

As crianças julgam as ações conforme as consequências de seus atos, sem uma análise crítica mais complexa e precisa, e muito menos sem levar em consideração as intenções de quem a praticou. Para a criança, se alguém foi penalizado por uma determinada ação, então o ato cometido foi errado. A criança assimila que todas as vezes que um sujeito é penalizado por algo, ele cometeu algo fora das regras de boa conduta, ou seja, fez algo de errado. Ela sempre assimila a penalidade com o erro.

Piaget (1973) percebeu que nesse momento, a criança tem uma séria dificuldade de levar em conta as circunstâncias que levaram determinado sujeito a tal atitude mesmo “quebrando regras”. Na heteronomia, a obediência, o respeito e o cumprimento das regras fazem parte da essência dos indivíduos. Piaget (1994) diz que “é bom todo ato que testemunhe uma obediência à regra ou mesmo uma obediência aos adultos, qualquer que sejam as instruções que prescrevam e é mau todo ato não conforme as regras”. O autor considera que as regras podem nos caracterizar tanto para o mau quanto para o bem, isso irá depender da nossa visão em relação a elas, e tal posição tem ligação direta com o tipo de raciocínio típico da heteronomia. Ainda na heteronomia observamos que a relação social que identifica

esse período é a coação, pois em determinadas situações o indivíduo é coagido por seus “líderes” a fazer ou deixar de fazer algo, ou tomar ou não certas atitudes e posições ficando cerceado para realizar determinadas ações.

O último momento do desenvolvimento moral é a Autonomia, e é justamente este conceito que Piaget (1973) afirma em suas obras, a capacidade de gerir a si mesmo. Após passar pela Anomia e Heteronomia, a criança enfim chega ao seu último estágio de desenvolvimento moral.

No dicionário Aurélio autonomia significa: “aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades ou princípios”.

A autonomia é completamente diferente das duas fases antecedentes, pois como o próprio nome já diz a criança começa a ter sua própria autonomia e dependência para determinadas ações. Na autonomia já existe uma personalidade criada, a identidade moral da criança já não é mais algo imposto e superficial, já consegue pensar por si só levando em consideração tudo o que foi estruturado anteriormente e assim consegue ter uma consciência moral do bem definido. Conforme o que aborda PIAGET, “a autonomia é um poder que não se conquista senão de dentro e que não se exerce senão no seio da cooperação”. (1932,p.299).

Quando a criança se torna autônoma quer dizer que ela já consegue fazer uma análise crítica das regras que são colocadas enquanto sociedade, porém para que esse ponto seja alcançado com sucesso é necessário que anomia e heteronomia tenham se desenvolvido bem anteriormente, pois essa autonomia não é inata. Sendo assim, através de sucessivas trocas dialéticas com o meio e reestruturações cognitivas, o ser humano terá uma consciência plena para gerir sua autonomia e tomar decisões baseadas em sua estrutura ética e moral.

Na autonomia, o que importa é o respeito recíproco que automaticamente irá produzir uma solidariedade entre as partes, pois as pessoas já são capazes de repensar sobre seus valores, diminuindo seu egoísmo, deixando a obediência e submissão total que caracteriza a heteronomia, e começam a entender que a colaboração deve fazer parte de uma vida social. Como já descrito acima, na heteronomia a relação social é a coação, em que o indivíduo é coagido a fazer ou não determinadas ações, e na autonomia observamos que o vínculo social já é totalmente diferente da anterior, nessa fase prevalece a cooperação, pois “toda relação entre dois ou mais indivíduos iguais ou que se creem iguais, dito de outra

forma, toda relação social na qual intervém nenhum elemento de autoridade ou de prestígio”. (PIAGET, 1977, p. 97).

Percebemos que com a constituição da autonomia moral as pessoas entendem que as regras são aplicadas não por alguém que lidere o grupo, mas pelo sentimento de que é necessário haver o respeito entre o grupo, e por isso é importante que as regras devem ser obedecidas e cumpridas e se necessário, reavaliadas conforme o contexto.. Essa compreensão é um dos fatores principais da autonomia, pois já existe uma percepção de uma ética desenvolvida no viver, a partir do momento que essas regras sociais são compreendidas, o bem de todos, enquanto sociedade passa a se tornar importante, e não somente o bem individual.

Avaliando a partir do bem coletivo é permitido a modificação de algumas regras para que o convívio dessas pessoas seja de cooperação, então percebemos que há um outro fator de uma significância muito válida que é o bem coletivo acima da regra, ou seja, em determinadas situações o bem-estar da sociedade prevalece com uma importância maior do que a regra imposta. As crianças, por exemplo, deixam de conceituar as regras como algo sagrado, e começam a entender que elas podem ser transmitidas e ensinadas através do respeito e auxílio mútuo. É nesse momento que regras de coação deixam de existir para darem lugar a cooperação, pois essa lei agora é mais afetiva do que exigida, ou seja, não há necessidade de forçar alguém para obedecer as regras muitas vezes contra a sua própria vontade, agora tudo é mais compreendido e por isso há essa estabilidade nas leis e nas relações.

Na autonomia a obediência a uma regra se dá pela compreensão e concordância com sua realidade universal. Obedecemos porque concordamos que os motivos para a ação poderiam tornar-se “leis universais”: seriam um bem para todos... Na heteronomia, a obediência a uma regra se dá pelo medo à punição ou pelo interesse nas vantagens a serem obtidas pessoalmente (MENIN, 1996, p. 41).

Dentro da perspectiva piagetiana, entende-se que a autonomia constitui-se do respeito mútuo, bem como na cooperação entre crianças e crianças e também crianças e adultos. Quando um sujeito se torna autônomo moralmente significa que ele possui uma responsabilidade de assumir algumas ações por si só. Na autonomia, a concordância mútua faz com que as normas sejam facilmente respeitadas, pois o indivíduo já adquiriu a sua consciência moral.

Entendendo mais sobre o desenvolvimento psicológico moral na visão de Piaget, agora observaremos sobre a Moralidade e suas razões para estudá-la, pois este trabalho consiste também em entender um pouco mais sobre isso.

### **3.2 Porque estudar moralidade?**

O desenvolvimento infantil modifica-se constantemente, e isso acontece em um processo dialético na relação com o social que provoca inúmeras disrupturas internas geradoras de desenvolvimento. As crianças podem se desenvolver prematuramente e isso se deve as situações favorecedoras que adquirem os ambientes e que estão inseridos, ou não se o mesmo ambiente não for favorecedor. É importante que todas as crianças tenham uma evolução cognitiva, afetiva e moral, pois quando acontece de ser desenvolvida apenas algumas áreas, com certeza outras ficarão comprometidas e talvez haja um desequilíbrio no seu aspecto global. Podemos perceber isso nas crianças que passam a maior parte do seu tempo assistindo televisão ou com jogos eletrônicos. As imagens e as narrações podem até incitar a área cognitiva do indivíduo, mas por outro lado as outras áreas não estarão sendo desenvolvidas como realmente é necessário (PIAGET1977).

Diante disso inferimos que há uma necessidade importante da moralidade ser estudada, pois ela irá contribuir para que a educação trabalhe valores e constitua ambientes que ajudem na formação humana para que tornem-se indivíduos autônomos no decorrer da vida. Essa moralidade também colaborará no ensino-aprendizagem, visto que o aluno é um ser ativo em processo de formação, e que conseqüentemente está se desenvolvendo socialmente, afetivamente e intelectualmente. Piaget (1977) buscava, sobretudo entender como se dava o caminho e a trajetória que faz o individuo evoluir de um momento para o outro, pois todos os estudos que pouco se relacionavam com isso apresentava somente métodos pedagógicos, por isso Piaget procurou entender as respostas para essa indagação.

“Uma segunda aproximação do que seja epistemologia, pode ser entendida como [...].o estudo da passagem de estados de menor conhecimento para estados de um conhecimento mais fundamentados”. (PIAGET, 1977, p.107).

Então tendo por conhecimento os estudos de Piaget (1977), podemos dizer que estudar a moralidade é de suma importância para a evolução do ser humano, pois ela nos dirá como estamos agindo e porque agimos de tal forma perante a sociedade, esse estudo é significativo para analisarmos a moral de cada indivíduo.

Entendemos, portanto que o desenvolvimento moral é definido por tendências que se manifesta em estágios de desenvolvimento. Em consequência disso, essas normas existem de fato para nos associar a vida cotidiana, a qual os indivíduos estabelecem relações e delas aprendem os princípios para o convívio em sociedade.

Piaget (1994) dispôs de jogos para analisar melhor seus questionamentos referentes ao desenvolvimento moral do indivíduo. Ele presumia que os jogos são corporações sociais por possibilitar todo em um só “[...] sistema complexo de regras, isto é, todo um código e toda uma jurisprudência” (PIAGET, 1994, p. 23). Se tratando de crianças, compreendemos que essa aprendizagem moral explica-se pela transferência de regras de uma geração a outra e também pelo respeito mútuo. A partir dessas observações adquiridas do seu estudo, Piaget (1994) verificou que poderia existir três direcionamentos de moralidade, e que para avançar de uma para a outra era necessário uma evolução moral. E agora compreendendo que o desenvolvimento moral é um processo, entendemos também que se inicia com a anomia, e assim através da evolução moral passa-se para a heteronomia até alcançar a plenitude da autonomia.

Piaget (1994) escreve que regras morais são reproduzidas por pessoas já adultas, geralmente pelos pais, para seus filhos e dessa forma, já chegam a elas como uma verdade soberana imposta. Por isso, o psicólogo achou importante estudarmos com o manuseio do jogo de bolinhas, ele permite que as regras sejam transmitidas de crianças para crianças, as maiores passaram as normas para às menores. Estabelece ainda que as crianças maiores por sua vez podem ou não alterar as regras do jogo. Desta forma podemos verificar de qual maneira essas normas são praticadas, pois se é algo inviolável (heterônoma), ou algo relativamente que pode ser decidido se cumpre ou não (autônoma). O autor encaminha suas observações na intenção de tornar conhecida as formas como os seres humanos se adaptam em relação as regras impostas, quais compreensões possuem sobre essas normas levando em consideração a idade e o desenvolvimento mental de cada um, e conseqüentemente como adquirem consciência e domínio da regra (PIAGET, 1994). Após testar suas hipóteses com a utilização de jogos, o autor adaptou suas

pesquisas ao uso de dilemas morais, permitindo assim uma melhor compreensão do universo psicológico da criança.

Entendemos então que estudar a moralidade no sentido que Piaget retrata é fundamental para sabermos sobre as atitudes dos indivíduos. Alguns adultos agem com anomia, algumas crianças vivenciam a autonomia, e por contra partida a maioria da sociedade vive o momento de heteronomia. Assim entender as características morais de personagens de contos, que são passados de pais para filho, geração após geração, permite compreender a magia psicológica dos heróis e vilões das histórias, auxiliando os pequenos a se posicionarem frente aos dramas existenciais.

## **CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTO DE PESQUISA**

### **4.1 Análise dos contos trabalhados.**

Neste capítulo faremos uma análise dos personagens dos três contos que escolhemos para este trabalho; Cinderela, Rapunzel e João e Margarida, todos dos Irmãos Grimm. Iremos perceber que nos três contos selecionados para este trabalho, há uma lição moral semelhante entre eles, no geral o bem vence o mal, ofertando a sensação de que tudo sempre acaba bem, mas nossa finalidade é identificar através das falas e comportamentos dos personagens suas diferenças e semelhanças e supor características de desenvolvimento de personalidade ética de cada personagem. Teremos como referência as tendências de desenvolvimento moral na perspectiva de Piaget; Anomia, heteronomia ou autonomia. Então é importante ressaltar as características de cada fase:

Anomia – típico das crianças pequenas, apesar de conhecer não respeita as regras, e evolui para a heteronomia por amor a alguém.

Heteronomia – Boa parte da população faz parte desse grupo, obedecemos regras sociais, segue o grupo, não consegue tomar decisões sozinho, necessita de um líder forte, burla as regras postas, e a relação social é a coação.

Autonomia – Compreende as regras sociais, avalia a partir do bem coletivo, o bem coletivo está acima da regra, desenvolve uma ética no viver, e a relação social é a cooperação.

#### **4.1.1 CINDERELA – apresentação do conto**

O conto Cinderela nos traz uma narrativa sobre uma jovem moça que muito cedo perde sua mãe, e com esse fato resta-lhe somente seu pai como familiar, mas logo ele casa-se novamente. Sua madrasta é uma senhora má e perversa que traz consigo duas filhas também cruéis, que não fazem questão de esconder suas maldades e começam a tratar a jovem como uma empregada da casa, tratando-a muito mal. Um dia o rei anuncia que dará um baile para que fosse escolhida uma noiva para o príncipe. Obviamente todas as jovens daquele lugar começaram a se preparar para tal acontecimento, inclusive as duas filhas da madrasta de Cinderela, mas com muita crueldade no seu coração a madrasta não permitiu que a jovem

enteada participasse da festa. Cinderela se entristece, mas logo algo mágico e encantador transforma sua noite (Irmãos Grimm, 1812).

A jovem que antes não tinha um belo vestido para ir ao baile, agora está vestida radiantemente bela, seus sapatos agora estão cobertos de ouro e prata, e quando a moça entra no salão de baile é irreconhecível. O príncipe fica visivelmente encantado, mas Cinderela precisava voltar para sua realidade antes da meia noite, então ao ir embora ela deixa os seus sapatos, que logo o príncipe o encontra e guarda para si. O jovem príncipe começa então uma jornada a procura da sua amada, percorre todos os lugares até chegar a casa onde morava a doce Cinderela, e quando a encontra não reconhece a jovem devido suas vestes, mas ao calçar os sapatos, seus pés encaixam perfeitamente, e assim o príncipe a toma como esposa e viveram felizes, e Cinderela sempre permaneceu piedosa e bondosa. (Irmãos Grimm, 1812).

#### 4.1.2 Análise dos personagens Conto Cinderela

**Homem muito rico (Pai):** Esse personagem no início da narrativa faz parte da heteronomia, pois ele não consegue tomar decisão sozinho, e percebemos que sempre há uma influência da madrasta e suas filhas, em certos momentos ele tenta obedecer as regras sociais, por exemplo, ele faz questão em uma determinada ocasião de agradar tanto suas enteadas quanto sua filha.

“Um dia, o pai ia para a cidade e perguntou às duas enteadas o que queriam que ele lhes trouxesse. Lindos vestidos, disse uma. Joias, disse a outra. E tu, filhinha, Gata Borralheira, o que queres? - perguntou-lhe o pai. Um ramo verde da primeira árvore que encontrares no caminho de volta.” (Irmãos Grimm, 1812, p.1).

Percebemos que dentre as características da heteronomia moral encontra-se a necessidade de seguir o padrão social e se comportar como todos consideram adequado. Essa tendência de comportamento eleva a possibilidade de manutenção de coação por parte de figuras emocionalmente mais fortes, fazendo com que o pai de Cinderela se submeta aos caprichos da nova esposa e suas filhas. Tal manipulação somente é possível pela incapacidade de analisar as consequências de seus atos e da impossibilidade de tomadas de consciência sobre si e o outro.

Ao final do conto já encontramos o personagem pai com comportamentos mais conscientes de seu papel provedor, dando sugestões da possibilidade de uma evolução da heteronomia para a autonomia. Percebemos isso quando ele coopera para que Cinderela seja encontrada pelo príncipe, e dessa forma acaba produzindo uma ação ética no seu viver.

“Mas o pai acrescentou: Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento, a qual vive conosco. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Gata Borralheira.”  
(Irmãos Grimm, 1812, p.6).

Contudo, verificamos, que ao falar da filha, não lhe soa estranho descrever sua sujeira ou vestimentas, quase que como naturalizando o lugar que Cinderela ocupa na família. Assim, mais uma vez o pai nos oferta como tendência uma falta de consciência de si, dos próprios atos e do outro, demonstrando uma incapacidade em se descentrar cognitivamente e compreender as próprias ações. Isso nos auxilia na tese de que o pai de Cinderela encontra-se no que Piaget configura como heteronomia, apesar de em alguns poucos momentos tentar ampliar sua leitura sobre a situação da filha.

**Mulher Doente (Mãe):** Essa personagem é pouca citada na narrativa, pois ao iniciar o conto sua morte já é explícita. Mas a mesma traz um valor moral muito significativo para o desenvolvimento da personagem principal, e através desse comportamento entendemos que a personagem faz parte da autonomia, pois mesmo com uma participação pouco presente na narrativa, ela desenvolve uma ética durante seu viver.

“Amada filha, continue sempre boa e piedosa” (Irmãos Grimm, 1812, p.1). A imagem da mãe apresentada por Cinderela nos permite imaginar alguém cujos valores morais de cuidado com o outro e bondade aparecem em primeiro lugar. E talvez, sua influência como mãe tenha auxiliado a própria Cinderela na constituição de uma moral para si representativo do bem comum. Mesmo porque, a evolução psicológica ocorre por sentimentos de amor, e como o pai não conseguiu ocupar esse lugar, Cinderela se espelha nos ensinamentos maternos, mesmo que distantes e ausentes.

**Madrasta e suas duas filhas:** Esse trio de personagens apresenta o estereótipo do mal no conto, pois agem de forma insensata, egoísta, e são

contraditórias com a verdade. São personagens adultas que tem a consciência do que é certo e errado, mas optam por satisfazer apenas suas vontades e desejos, mesmo que para isso precisem humilhar, mentir ou maltratar o outro. As consequências de seus comportamentos são geradores de muito sofrimento para a jovem Cinderela.

“o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo. Mal se cruzou com elas a pobre órfã percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo: O que é que esta moleca faz aqui? Vai para a cozinha que é lá o teu lugar! E a madrasta acrescentou: Têm razão, filhas. Ela será nossa empregada e terá que ganhar o pão com o seu trabalho diário.” (Irmãos Grimm, ano 1812 p.1).

Através dessas atitudes percebemos que tanto a madrasta quanto suas filhas estão na fase da anomia, pois não respeitam as regras apesar de conhecê-las. Utilizam de suas ações para constituição de elementos de satisfação própria, demonstrando total falta de reconhecimento do outro e de seus sentimentos.

“Quando chegaram à casa onde vivia a Gata Borralheira, a irmã mais velha insistiu que devia ser ela a primeira a experimentar e, acompanhada pela mãe que já a imaginava rainha, subiu ao quarto, convencida que lhe servia. Mas o seu pé era demasiado grande. Então a mãe, furiosa, obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe: - Embora te aperte agora, não te preocupes.” (Irmãos Grimm, ano 1812 p.5)

Quem vive o momento da anomia é totalmente egocêntrico, se importa somente com o seu bem estar, as atitudes desses indivíduos demonstram que estão longe de saberem como se colocar no lugar do outro e pensar no próximo, pois consideram apenas os próprios desejos.

**Cinderela (Gata Borralheira):** Aqui está a personagem principal do conto, a “doce e amável Cinderela”. Em todas as suas atitudes percebemos que ela está incluída na autonomia, pois ela cumpre com excelência todas as características desse momento do desenvolvimento humano. Sabemos que a cooperação é para Piaget (1977) o modelo de relação social capaz de produzir comportamentos cognitivamente mais adequados, uma vez que permite a descentralização do pensamento e a capacidade de se colocar no lugar do outro, possibilitando uma tomada de consciência e conseqüentemente a apuração no desenvolvimento moral. “E continuou boa e piedosa.” (Irmãos Grimm, 1812, p.1)

“ - Imediatamente as duas filhas da madrasta chamaram a Gata Borralheira e disseram-lhe: Penteia-nos e veste-nos, pois temos que ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa. A Gata Borralheira obedeceu humildemente”.  
(Irmãos Grimm, 1812 p.2).

Um exemplo disso é que, ela compreende as regras sociais, mas não as segue cegamente, pois coloca sempre o bem coletivo acima de todas as situações, e observamos que a sua relação social é a cooperação, pois mesmo sendo tão injustiçada ela coopera para o bom desenvolvimento do seu lugar de convívio.

“A princesa, fiel à promessa feita à mãe, continuou a ser piedosa e bondosa como sempre”. (Irmão Grimm, 1812 p.6).

Curiosamente os leitores se identificam com a Cinderela, pois ela é representativa de uma personagem com características psicológicas apuradas, e apesar de ser a filha, acaba por se apresentar como a mais madura e desenvolvida. Cinderela serve de modelo ideal de comportamento para as crianças e adultos que penetram em seu universo, auxiliando nas provocações dialéticas cognitivas humanas.

**Pomba Branca:** Este pássaro representa pureza, paz e esperança nesta narrativa, além disso, ele também consola a personagem principal quando a menina está triste e visita o túmulo da sua mãe. E a partir daí a pomba promete que sempre ajudará Cinderela e que realizará todos os seus desejos. Através dessa fala, percebemos que este personagem vive o estado de autonomia, pois ele ajuda e cuida da jovem, e desenvolve princípios morais que ajudarão a menina, e de fato a pomba cumpre sua promessa e coopera com Cinderela.

A pomba que lhe tinha oferecido ajuda, apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e os tamancos em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata.  
(irmãos Grimm, 1812p. 99)

E assim acontece durante toda a narrativa, a pomba auxilia a jovem lhe tornando a moça mais bela de todo o baile, e assim o príncipe se encanta por Cinderela. E ao final do conto quando o jovem filho do rei está a procura da dona daquele belo sapato, a pomba mais uma vez se mostra fiel a promessa feita e adverte ao jovem para que olhe para os pés da irmã de Cinderela, o fazendo

perceber que aquela não era a dona do sapato, nesse ato a pomba coopera tanto com Cinderela quanto com o príncipe.

Embora ele tenha notado de imediato que aquela não era a bela desconhecida que conhecera no baile, teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e foram juntos dar um passeio. Mas, ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre seus ramos duas pombas brancas que o advertiram: - olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado. (irmãos Grimm, ano 1812, p. 183)

E da mesma forma que as pombas falaram para o príncipe que ele estava sendo enganado, também o advertiu a continuar sua caminhada quando o mesmo encontrou sua princesa Cinderela.

Pouco depois, ao aproximar-se da árvore onde estavam as pombas, ouviu-as dizer: - Continua príncipe a tua cavalgada, pois a dona do sapato já foi encontrada. As pombas sobre os ombros da jovem e os seus farrapos transformaram-se no deslumbrante vestido que ela tinha levado ao último baile. (irmãos Grimm, 1812, p. 225)

Assim compreendemos que a pomba cumpriu com excelência seu momento de autonomia com Cinderela. Foi compassiva, cooperou, e avaliou o bem coletivo a partir do bem coletivo.

**Príncipe:** O príncipe está na autonomia moral. Podemos observar isso em suas ações a partir do momento que ele entra na história até o final da mesma. Mas o que nos chama a atenção é quando o príncipe decreta que todas as jovens independentemente da classe social sem exceção devem experimentar o sapato.

Não. Não temos mais filhas – disse a madrasta. Mas o pai acrescentou: - Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento, a qual vive conosco. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Gata Borralheira.- As minhas ordens dizem que todas as jovens sem exceção devem experimentar o sapato. Tragam-na à minha presença. Eu mesmo lhe calçarei. (Irmãos Grimm, 1812 p. 211)

Nesta atitude ele demonstra que o bem coletivo está acima de qualquer regra, e nisto desenvolveu regras morais que serviriam para todo o seu reino, não discriminando posição social.

Analisando esse conto, percebemos que existem personagens em diferentes momentos de desenvolvimento moral. Sendo assim, analisamos e entendemos

melhor como se dá cada momento, através das características notadas desses personagens.

#### **4.2 Joãozinho e Margarida (Hansel e Gretel) – apresentação do conto**

O conto Joãozinho e Margarida é uma narrativa que tem como personagens principais um casal de irmãos, de origem pobre, os dois enfrentaram muitas dificuldades de relacionamento com sua madrasta e conseqüentemente com o próprio pai.

Essa família morava em frente a uma grande floresta, o pai era lenhador com a mulher e seus dois filhinhos, e naqueles dias estavam passando por grandes necessidades porque não tinham com o que se alimentarem. Em uma dessas noites de angústia do pobre pai não saber como alimentar sua família, a malvada da madrasta aproveitando a fraqueza do pai disse que daria um fim nas pobres crianças abandonando-as na gigante floresta, alegando ainda que iriam se livrar das crianças porque elas não conseguiriam retornar para casa. O pai ainda tentou questionar a madrasta sobre este grande mal com as crianças, mas a madrasta o revidou dizendo que o pai era mesmo um tolo, e que se não fizesse tal ato, também morreria de fome. O que eles não sabiam era que as pobres crianças estavam ouvindo toda a conversa, e Margarida obviamente se entristeceu e preocupou-se com o seu futuro e de seu irmão, mas Joãozinho tão sábio acalmou sua doce irmãzinha dizendo que faria algo para que nada de mal os acontecesse. E assim o fez. Joãozinho foi para fora de sua casa e catou pedrinhas que serviriam para reluzir o caminho de volta para casa, e no dia seguinte quando seu pai e sua madrasta malvada os abandonaram na floresta, Joãozinho sem dificuldade encontrou o caminho de volta, pois a Lua fazia com que as pedrinhas brilhassem ainda mais indicando o caminho de casa. (IRMÃOS GRIMM, 1812).

Ao chegarem a casa do pai a madrasta logo se assustou pois tinha a plena certeza que as crianças não conseguiriam voltar, mas o pai alegrou o seu coração por vê-los salvos, mas passado um certo tempo, a fome novamente tomou conta da região em que viviam e novamente a madrasta aproveitou-se para fazer mais uma vez o que já havia feito em tal situação, e mais uma vez falou ao pai que os dois abandonariam as crianças na floresta, porém dessa vez iriam deixá-los ainda mais longe. As crianças por sua vez ouviram a conversa, mas Joãozinho não conseguiu

sair de casa para procurar as pedrinhas brilhantes que o havia ajuda a voltar para casa, pois a madrasta trancou a porta impedindo que o menino saísse. Sua irmãzinha Margarida preocupada chora, mas o pobre menino tranquiliza sua irmã afirmando que daria um jeito para que nada acontecesse com os dois. Pobre Joãozinho, dessa vez não conseguiu, e assim se perderam pela floresta, vagando por alguns dias, tendo fome e sede. (IRMÃOS GRIMM, 1812).

Em um momento no decorrer da caminhada avistaram uma casinha feita de pão de ló e torta, com janelinhas de açúcar. As crianças abismadas com o que estavam vendo correram e logo já começaram a devorar a casinha, mal sabia eles que a doce casinha na verdade era de uma velha bruxa má. Essa bruxa por sua vez aproveitou-se da situação e tratou-os com muito carinho, quando na verdade queria devorá-los. A velha enjaulou Joãozinho e ordenou que Margarida preparasse deliciosos pratos para que Joãozinho engordasse e ficasse bem mais saboroso para ser devorado. A menina aproveitando de uma oportunidade empurrou a malvada da bruxa para dentro do forno e a velha gritou até que morreu. A menina então salvou seu irmãozinho e os dois estavam livres da velha bruxa, mas antes de irem embora, os dois irmãos encontraram grandes arcas cheias de pérolas e pedras preciosas, logo encheram seus bolsos e começaram a procurar novamente a casa do seu pai.

No decorrer do trajeto das crianças encontraram um rio o qual era impossível atravessar, mas com a ajuda de uma Patinha conseguiram chegar do outro lado do rio. Observando que a estrada em que andavam ficava cada vez mais conhecida, os irmãos enfim conseguiram encontrar a casa do pai. A alegria foi tão grande que logo correram para encontrá-lo, ao chegarem descobriram que a madrasta má já havia morrido. Então sacudiram suas roupas e mostraram ao pai as pedras preciosas e perolas que haviam encontrado, então Joãozinho logo exclama ao pai que acabaram-se todos os sofrimentos e preocupações, então viveram os três felizes para sempre. (IRMÃOS GRIMM, 1812).

#### **4.2.1 Análise dos personagens Conto Joãozinho e Margarida (Hansel e Gretel) (IRMÃOS GRIMM, 1812).**

Neste conto, existem cinco personagens que fazem a história acontecer: Pobre Lenhador (Pai), Madrasta, Joãozinho, Margarida e a velha Bruxa.

Observaremos e analisaremos cada um a partir das suas falas e ações, e então iremos identificar se fazem parte da anomia, heteronomia ou autonomia.

**Pobre Lenhador (Pai):** Este personagem é citado logo no início da narrativa, e também na finalização do conto. Suas características são de um pai que tenta ser amoroso e cuidadoso, mas não consegue sequer ser zeloso e proteger seus filhos. Nas primeiras linhas do conto percebemos que este homem se questiona e preocupa-se por não ter o que oferecer de alimento para seus filhos, e ligeiramente é coagido por sua esposa a abandonar seus filhos em uma floresta.

Que será de nós? Como alimentaremos nossos filhinhos, se nada temos nem para nós? Escuta aqui, meu caro marido, - respondeu ela – amanhã cedo, levaremos as crianças para o mais cerrado da floresta... (Irmãos Grimm, 1812, p.8).

A partir daí, observamos que neste momento, este personagem está em um momento da heteronomia, pois acreditamos que se a madrasta não existisse, e houvesse somente ele com seus dois filhos, ele não cometeria tal ato, mas ele foi induzido e coagido por ela, ele seguiu uma ordem de alguém que naquele momento estava na liderança da situação, por um momento até tentou argumentar de como conseguiria viver depois que abandonasse seus filhos, sabendo que não teria paz por saber que seus filhinhos seriam devorados por feras da floresta.

- Não, mulher, isso não posso fazer. Se abandonar meus filhos sozinhos na floresta, não tardarão as feras a devorá-los, como poderei viver depois? (Irmãos Grimm, 1812, p.17).

Mas o sentimento de obediência por sua esposa parecia ser maior, pois novamente a mulher o reprimou e ele decidiu aceitar o fato de que abandonaria suas crianças na floresta. Porém, no decorrer do conto, percebemos uma maturidade ainda que pequena no personagem do pai, pois quando seus filhos enfeitados na grande floresta conseguem retornar para casa, o pai ao contrário da sua mulher se alegra por ver que as crianças estão bem, pois a obediência a esposa é resultado de pouca apura as estruturas morais e não falta de amor pelos filhos. “O pai, ao contrário, alegrou-se ao vê-los, pois remoía-o o remorso por tê-los abandonados lá sozinhos.” (Irmãos Grimm, 1812, p.86).

Começamos a perceber melhor o comportamento do pai quando ele começa a refletir sobre o porquê de mesmo com as dificuldades permanecer junto com seus

filhos, pois sabia que toda aquela situação de pobreza iria passar e assim continuariam juntos como família.

“O homem sentiu confranger-se-lhe o coração e ia pensando: “Seria melhor que repartisses teu último bocado com teus filhos”. (Irmãos Grimm, 1812, p.96).

No entanto, mais uma vez o homem foi coagido por sua esposa a abandonar seus filhinhos na floresta novamente. Mas a partir desse pensamento do personagem, mesmo com sua falta de coragem perante sua mulher, observamos que ele vai evoluindo do momento de heteronomia para a autonomia, e isso vai acontecendo pelo sentimento de amor entre pai e filhos. E ele começa a compreender que é necessário desenvolver uma ética no seu viver através da proteção que um pai deve proporcionar aos seus filhos. No final da narrativa há uma cena descrita pelo narrador que nos faz pensar que aquele homem havia entendido que mesmo diante das mais perversas e difíceis situações, o bem coletivo de todos deve estar acima do próprio eu, que a cooperação de um para com o outro é essencial para uma vida próspera e feliz. As situações provocadas pelos conflitos cotidianos provavelmente auxiliaram na sua estruturação psíquica moral.

“Deitaram a correr em sua direção, e lá chegando, precipitaram-se para dentro, onde se lançaram ao pescoço dopai, cobrindo-o de beijos. O pobre homem nunca mais tivera uma hora feliz desde que abandonara as crianças no meio da floresta” (Irmãos Grimm, 1812 p.272).

Podemos inferir que o homem entendeu que abandonar seus filhos não foi uma decisão correta, mesmo diante de toda dificuldade vivida naquele momento, e percebemos que ele sofria por ter cometido tal ação, porém esse sentimento fez com que deixasse a heteronomia para viver um momento de autonomia, podendo assim proteger e ficar junto com seus filhos.

**Mulher (Madrasta):** Essa personagem é bem conhecida nos contos, pois quando vemos que existe essa pessoa na narrativa, já podemos deduzir algumas características, pois é típico as madrastas das histórias serem malvadas e cruéis. E essa não é diferente, pois a ideia de deixar as crianças sozinhas na floresta é justamente dela, e logo ao iniciar a narração do conto, já inferimos que essa madrasta faz parte da anomia. Suas atitudes são de total desrespeito as regras, mesmo conhecendo e sabendo que essas ações não são corretas, para ela o que

importa é somente o seu eu e nada mais. Atitude egoísta faz parte do seu viver, e todos esses posicionamentos da personagem Madrasta nos levam a entender que o seu momento é de anomia.

“- Escuta aqui, meu caro marido, - respondeu ela – amanhã cedo, levaremos as crianças para o mais cerrado da floresta, ai lhes acenderemos uma fogueira e lhes daremos um pedaço de pão para que se alimentem; depois iremos para nosso trabalho e os deixaremos lá sozinhos; eles não conseguirão encontrar o caminho de casa e assim ficaremos livres deles.” (Irmãos Grimm, 1812 p.10).

O comportamento da mulher é totalmente egocêntrico. Ela coage seu marido a abandonar os filhos ainda crianças na floresta, a princípio as crianças conseguem retornar para casa, mas logo em um outro momento ela novamente convence o homem a abandoná-los mais uma vez em um lugar ainda mais distante para que não encontrassem o caminho de volta para casa como da primeira vez. A madrasta não sente nenhum remorso em seu coração pelo ato que estava cometendo.

“- Já comemos tudo o que havia na casa, só nos resta meio pão, e com ele acaba a ração. É necessário que as crianças se vão embora; desta vez, porém, os conduziremos mais para o embrenhado da floresta, a fim de que não encontrem o caminho para voltar. Não nos resta outra solução.” (Irmãos Grimm, 1812, p.91).

A mulher mesmo tendo a consciência de que suas atitudes eram erradas, não se sentia incomodada em relação a isso, as regras que regem a sociedade, como cuidar e proteger das crianças não lhe eram convincentes. E isso a fazia cada dia uma mulher mais egoísta e má, configurando as características da anomia.

**Joãozinho:** O conto não seria o mesmo sem esse personagem, pois ele esbanja uma sensatez muito grande e demonstra isso claramente nos seus posicionamentos. Ainda criança ele carrega em si a responsabilidade de cuidar e proteger da sua irmãzinha. Joãozinho consegue pensar e refletir mesmo diante de uma situação assustadora, ele tem a calma de tranquilizar Margarida, podemos perceber que o amor por sua irmã é muito grande. Os dois irmãos ouvem o que a mulher de seu pai trama e obviamente Margarida começa a se descontrolar emocionalmente, pois duas crianças perdidas em uma grande floresta é realmente apavorante, mas Joãozinho com toda a sua serenidade e esperteza consola sua

irmã lhe garantindo que não ficariam perdidos no grande matagal, mas ele daria um jeito de solucionar aquele problema.

“- Não te aflijas, - respondeu Joãozinho – não tenhas medo, eu sei o que hei de fazer. Assim que os velhos adormeceram, Joãozinho levantou-se bem de mansinho, vestiu o paletó, abriu a porta da frente e escapuliu para fora. A lua resplandecia diáfana e os seixos branquinhos cintilavam diante da casa como de fossem moedas recém-cunhadas. O menino apanhou e meteu nos bolsos quantos pôde. Depois voltou para casa e disse a Margarida: \_Tranquiliza-te, querida irmãzinha, e dorme sossegada; Deus não nos abandonará.” (Irmãos Grimm, 1812, p.28).

Diante de atitudes tão sensíveis e compassivas identificamos que este menino está em um período da autonomia, mesmo sendo criança suas ações nos revelam que ele não pensa por si só, não é individualista, pelo contrário ele pensa no bem comum relacionando sempre a sua irmãzinha. Quando estão perdidos na floresta, ele não deixa Margarida para trás em nenhum momento da história, acontece justamente o oposto, ele se sensibiliza com a fragilidade emocional da sua irmã naquele momento e promete lhe proteger mais uma vez, e assim de fato o faz.

“Margarida pôs-se a chorar com medo. – Como sairemos agora da floresta? -Espera um pouco – disse-lhe Joãozinho para a consolar – espera até surgir a lua, aí encontraremos o caminho. Não tardou, apareceu a lua resplandecente. Joãozinho tomou a irmãzinha pela mão e juntos foram seguindo as pedrinhas, que brilhavam como moedas novas e lhes indicavam o caminho.”(Irmãos Grimm, 1812, p.74).

A madrasta e o pai os abandonam uma vez na floresta e mesmo diante de muito embaraço eles conseguem retornar para casa, mas a mulher tão má e cruel espera uma nova oportunidade e novamente os leva para a floresta, só que dessa vez ainda mais distante. Ao perceberem que desta vez não conseguem encontrar o caminho de volta para casa, Joãozinho ainda assim acalma e ameniza a angustia da sua querida irmã, ele coopera para o bem estar da menina mesmo diante da triste situação vivida por eles naquele momento, e essa cooperação faz parte diretamente da autonomia, pois para Piaget quem está neste momento vive a referência de uma relação social capaz de criar posicionamentos cognitivos apropriados, se colocando no lugar do outro.

**Margarida:** Esta é uma personagem singular do conto, pois retrata a delicadeza de uma menina protegida pelo seu irmãozinho, mas que no desenrola-se da história toma atitudes que salvarão a vida de quem sempre a protegeu. Margarida

assim como a maioria da sociedade, está em um momento da heteronomia, visto que ela sempre precisa do apoio e cuidado do irmão, ela não consegue tomar decisões sozinha e somente obedece e acredita no que Joãozinho diz. Margarida não tem ideia de como descobrir o caminho de volta para casa, mas ela segue seu líder que naquela ocasião é seu irmão. Em um determinado momento da narrativa quando já estão sob poder da velha bruxa, a menina é obrigada a fazer os preparativos para que seu irmão seja devorado pela bruxa. Obviamente ela chora e implora a Deus por aquela situação tão terrível.

“Vamos Margarida, - ordenou à menina – traz água depressa; gordoou magro não importa, matarei assim mesmo Joãozinho e amanhã o comerei. Como chorou a pobre irmãzinha ao ter de trazer a água! Como lhe corriam abundantes as lágrimas pelas faces! – Ah, Deus bondoso, ajuda-nos! – Implorava ela.”(Irmãos Grimm, 1812, p.211).

Mas Margarida não fica somente na heteronomia, ela avança e em um certo momento ela tem a oportunidade de escapar das garras da velha bruxa. Ela poderia simplesmente ir embora deixando seu irmãozinho preso na gaiola que a bruxa havia lhe colocado, mas não, ela preocupou-se com Joãozinho que sempre a tratou com muito zelo e amor. Neste ato da menina, observamos que ela desenvolve-se para a autonomia, pois ela pensa no bem comum. Ela sabe que o bem coletivo é mais importante do que o bem de uma pessoa só. Ela compreende as regras sociais e entende que assim como sempre foi protegido chegou a hora de proteger. Isso é autonomia, é cooperar com o outro.

“Joãozinho corre, estamos livres; a velha bruxa morreu. Joãozinho então saiu pulando, alegre como um passarinho ao lhe abrirem a gaiola. Com que felicidade se abraçaram e beijaram, rindo e dançando”- (Irmãos Grimm, 1812, p.241).

As situações vividas no final do conto serviram para que Margarida se desenvolvesse emocionalmente e ajudasse seu irmão no caminho de volta para casa, pois agora ela entendeu a cooperação também é dividir responsabilidades, aliviando um pouco a “carga” do seu irmão Joãozinho.

**Velha Bruxa:** Na maioria dos contos há uma bruxa. Estranho seria se neste conto não houvesse tal personagem, pois as narrativas são de enredo com muita maldade ofertada pelas bruxas. Nesta história a bruxa surge já quase no final de

todo o conto, quando as crianças estão perdidas na floresta pela segunda vez e tentando encontrar o caminho de volta para casa, já com muita fome e sede, descobrem uma casinha muito atrativa feita de pão de ló, torta e açúcar. Apressadamente eles correm em direção a casinha e começam a devorá-la pois estão com muita fome, mas não se preocupam de quem será a doce casinha. Eles então conhecem a dona da simpática casinha, que lhes oferece comida e uma cama quentinha. Mas ingênuas crianças, não sabiam que tudo aquilo já fazia parte de um plano mal intencionado da velha bruxa, pois o que realmente ela queria era parecer amiga, para no final devorar as criancinhas.

“A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças; para isso havia construído a casinha de pão de ló. E quando caía em suas mão alguma criança, ela matava-a, cozinhava-a e comia-a, e esse dia era para a bruxa um dia de festa.” (Irmãos Grimm, 1812, p.179).

Através de todo esse comportamento da velha bruxa, constatamos que ela está na anomia, assim como as demais bruxas de outros contos, pois essas personagens trazem em sua essência a maldade. Sabem que tudo o que praticam é declaradamente errado, mas mesmo assim cometem tais ações. Não fazem questão de respeitar nenhuma regra que lhe é imposta.

Pela manhã, bem cedinho, antes que os meninos acordassem, levantou-se e foi espiá-los. Vendo-os bochechudos e coradinhos, a dormir como dois anjinhos, e murmurou: Que petisco delicioso vou ter! E agarrando Joãozinho com seus dedos aduncos, levou-o para um chiqueirinho, trancando-o dentro das grades de ferro; e de nada lhe adiantou gritar e espernear.”( Irmãos Grimm, 1812 p.189).

A velha bruxa possuída de maldade e sem nenhum remorso em fazer o mal, estava vivendo constantemente na anomia, sem nenhuma vontade de evoluir para a heteronomia. Suas atitudes mostraram esse fato do decorrer de toda a narrativa.

### **4.3 Rapunzel – apresentação do conto**

Este conto nos traz a história de uma família que esta a espera de sua primeira filha, mas que infelizmente surgirão fatos que farão com que essa linda realidade se torne em tristes acontecimentos.

Havia um casal que há muito tempo sonhava em ter filhos, mas sempre com a frustração de não tê-los, até que um belo dia a mulher descobre que espera uma criança. Como algumas mulheres durante a gestação, a grávida teve um grande desejo de comer os rabanetes da vizinha, mas a questão é que quem morava ao lado era uma velha feiticeira muito má.

A mulher pensando constantemente nos belos rabanetes que tinha visto começou a entristecer-se e se sentir abatida, pois a cada dia seu desejo aumentava. O marido vendo que a esposa estava desfalecendo por não ter satisfeito seu desejo, e a amando muito, resolveu ir ao quintal da feiticeira mesmo arriscando sua própria vida. Ao anoitecer o homem encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, rapidamente pegou os rabanetes e logo foi embora. A mulher mais que depressa preparou uma deliciosa salada e saboreou-a com muita vontade, mas a vontade ainda prevalecia e ela queria comer ainda mais. O marido então resolveu ir mais uma vez até o quintal da velha feiticeira para pegar mais rabanetes, mas dessa vez ao descer da escada se deparou com a velha que prontamente o questionou como se atrevia a roubar seus rabanetes. O homem explica a razão que o fez cometer tão ato, a feiticeira com segundas intenções se acalma, e diz que ele pode pegar quantos rabanetes quiser, mas para isso impôs uma condição; que assim que a criança nascesse o homem e sua esposa dariam a criança a velha feiticeira. Ele então apavorado de medo aceitou a condição e voltou para sua casa cheio de rabanetes.

Pouco tempo depois a criança nasceu, era uma linda menina, e no mesmo instante a feiticeira apareceu e tomou a criança para si, e deu o nome de Rapunzel. Assim que a menina cresceu a feiticeira trancou-a no alto de uma torre no meio da floresta. A torre não possuía escada e nem porta, somente uma janelinha no lugar mais alto. Quando a velha queria entrar, ficava embaixo da janela e gritava: Rapunzel, Rapunzel jogue abaixo as sua tranças! A jovem possui cabelos compridos e parecidos com fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha ela obedecia e desenrolava suas tranças para q feiticeira subir. Assim era todas as vezes que a feiticeira queria subir na torre para ver a jovem.

Um dia o jovem príncipe filho do Rei cavalgava pela floresta, quando ouviu um canto tão bonito que parou encantado, pois Rapunzel gostava de cantar para espantar a solidão que lhe assolava. Mas o jovem príncipe procurou e não encontrou nenhuma porta de nenhum dos lados da torre. Inconformado o jovem príncipe voltou

para casa, entretanto o som do canto não saía da sua mente e nem do seu coração, então todos os dias ele procurava um jeito de subir naquela torre, até que um dia enquanto estava escondido ele viu a velha feiticeira chamar pela Rapunzel, e atentamente observou que as tranças eram as escadas para escalar a torre.

No dia seguinte, o príncipe aproximou-se da torre e igualmente a bruxa gritou para que Rapunzel jogasse suas tranças. A jovem do alto da torre desenrolou as suas tranças e jogou-as para baixo, mas teve uma grande surpresa, pois nunca havia conhecido ninguém além da velha feiticeira, e obviamente achou o príncipe mais formoso e atraente do que a bruxa. O príncipe acalmou Rapunzel e lhe perguntou se ela a aceitaria como marido, ela então preferindo o príncipe ao invés da Bruxa disse que sim, mas para que ela pudesse descer do alto da torre fez um pedido ao príncipe; todas as vezes que ele fosse vê-la deveria levar uma meada de seda para que ela pudesse trançar uma escada e assim conseguiria descer. Mas um dia Rapunzel com sua inocência deixou escapar para a feiticeira que o príncipe lhe visitava, e a velha cheia de raiva e fúria lhe cortou as tranças e levou-a para um deserto para que a jovem morresse sozinha, e prometeu que também se vingaria do príncipe.

Assim que o jovem príncipe se aproximou, chamou Rapunzel como de costume, mas pobre príncipe mal sabia ele que quem estava no alto da torre era a velha bruxa, que por sua vez jogou as tranças que havia cortado de Rapunzel. Quando chegou ao topo da torre e viu que quem estava lá era a terrível velha feiticeira, o jovem príncipe ficou desesperado e caiu do alto da torre, não morreu, mas caiu sobre uns espinhos que lhe furaram os olhos o tornando cego. Atormentado, o rapaz não encontrou o caminho de volta para sua casa e viveu perambulando pela floresta, passaram-se anos até que um certo dia enquanto caminhava, o príncipe ouviu uma voz que parecia familiar; era a sua amada Rapunzel que vivia no deserto com seus filhos gêmeos. Ao avistar o príncipe ela correu em sua direção, e ao abraçá-lo duas lágrimas caíram sobre os olhos do príncipe, e no mesmo instante voltou a enxergar. O príncipe então tomou Rapunzel, seus dois filhos e os levou para o seu reino, e viveram felizes para sempre.

#### 4.3.1 Análise dos personagens Conto Rapunzel

##### **Mulher (Mãe de Rapunzel):**

Esta personagem é uma mulher que sonha com a maternidade, mas não consegue ter um filho até que um dia é agraciada com essa dádiva. Assim como muitas grávidas ela tem um desejo insaciável, mas muito difícil de ser realizado. A mulher deseja intensamente comer alguns rabanetes que estão na casa vizinha, porém o perigo de ir em busca desses rabanetes é muito grande, pois a dona da horta é uma velha bruxa má.

“...a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes. A cada dia seu desejo aumentava mais. Mais ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio...” (Irmãos Grimm, 1812, p.8).

Mesmo sabendo que seria perigoso pegar esses rabanetes a mulher insiste para que seu marido vá e pegue. Nesta ação da mulher percebemos que ela age em um momento de anomia, pois mesmo tendo a consciência de que seria errado e arriscado ela expõe a vida de toda sua família e em especial a de seu marido naquele momento.

“...até que um dia o marido se assustou e perguntou: - O que está acontecendo contigo, querida ? – Ah! Respondeu ela. – se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, ...” (Irmãos Grimm, 1812, p.15).

O estado de anomia consiste nisso; em saber que mesmo não sendo correto determinadas ações, o indivíduo mesmo assim as pratica, não respeitando as regras que foram impostas nas situações.

**Feiticeira:** Esta personagem sem dúvida nenhuma tem sua vida em um estado permanente de anomia, assim como as demais bruxas dos contos infantis, ela pratica a maldade a todo momento. Ela tem a consciência de que seus atos não são direitos e nem honrados, e nem por isso esse tipo de personagem tem seu coração abrandado para evoluir para a heteronomia. A personagem não se incomoda com seu estado de anomia. Em um momento da narrativa ela propõem uma troca para o pai de Rapunzel ,e lhe faz uma proposta indigna, pois a velha sugere que até lhe dá os rabanetes, porém em troca ela ficaria com a criança logo após nascida.

“...deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar a criança que sua mulher vai ter. cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará...” (Irmãos Grimm, 1812, p.35).

A feiticeira sabe dos sonhos do casal e mesmo assim ela pede a criança para si. O estado de anomia faz com que a pessoa cometa essa tipo de atitude, não se importando com o outro, conhece o princípio de que os filhos devem ser criados pelos pais, mas nem por isso ela deixa de cumprir sua promessa de tomar para si a menina.

“Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu o nome à criança de Rapunzel e levou-a embora. Rapunzel cresceu e se tornou a mais linda criança sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio da floresta.” (Irmãos Grimm, 1812, p.38).

A anomia da personagem feiticeira era tão extrema que seus comportamentos maldosos cresciam cada vez mais, nem a doçura de Rapunzel ameniza os sentimentos ruins que a velha feiticeira carregava, pelo contrário a feiticeira demonstrava muita antipatia pela menina, que trancou-a no alto de uma torre para que ficasse totalmente isolada do mundo. E ao descobrir que a jovem Rapunzel se encontrava todos os dias com o príncipe sua fúria e maldade aumenta ainda mais.

“- Ah, menina ruim! – gritou a feiticeira. – Pensei que tinha isolado você do mundo, e você me engana! Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelos cabelos e esbofeteou-a. depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e tec tec! Cortou as belas tranças, largando-as no chão. Não contente, a malvada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.” (Irmãos Grimm, 1812, p.38).

A anomia faz com que muitas vezes o individuo tenha atitudes perversas achando que está agindo na mais natural possível. Para a velha feiticeira, abandonar a menina no deserto para que sofresse até morrer sozinha era um castigo habitual, comum para as bruxas.

**Marido (Pai de Rapunzel):** Este personagem está em outro momento diferente das duas personagens analisadas até aqui. Ele está em um estado de heteronomia, e podemos identificar isso nas atitudes e falas do personagem, além de percebemos que a relação social deste momento de heteronomia que é a coação, se faz bem presente na vida deste homem. Ele é coagido por sua esposa a

buscar os belos rabanetes. A partir do momento que a mulher revela seu desejo e exagera na forma de falar isso ao esposo, inferimos que ela está coagindo o homem para que faça tal ação, como de fato ele o faz.

“- O que está acontecendo contigo, querida? Ah! – respondeu ela. - se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo! O marido, que a amava muito, pensou: “Não posso deixar minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes custe o que custar!”. (Irmãos Grimm, 1812, p.15).

O homem tem a consciência de que o pedido da esposa não é adequado, mas ele burla as regras sociais que são impostas naquele momento e vai buscar os rabanetes, mesmo sabendo que seu ato não era apropriado. Fraudar as normas também é característica da heteronomia.

“- Oh! Tenha piedade! – Implorou o homem. – Só fiz isso porque fui obrigado! minha mulher viu seus rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade, que na certa morrerá se eu não levar alguns!” (Irmãos Grimm, 1812, p.15).

Assim como a maioria da população, o homem não assume diretamente seus erros, sempre coloca a culpa de seus atos em outra pessoa, e neste caso vemos que também foi assim que o personagem agiu.

**Rapunzel:** A primeira descrição que temos dessa personagem é que ela possuía uma beleza singular, com longos cabelos que brilhavam como ouro, e através das suas atitudes também vamos compreender que seu momento é heteronomia. A velha feiticeira trancou Rapunzel no alto de uma torre, e podemos imaginar que a jovem sabia que toda aquela situação não era correta, mas também percebemos que ela via a bruxa como uma líder e assim a obedecia sem questionar, pois em nenhum momento da narrativa vemos a personagem indagando qual o motivo da mesma morar no alto de uma torre totalmente sem acesso e nunca poder sair. Todas as vezes que a velha feiticeira queria visitar Rapunzel a mesma jogava suas tranças e ela subia.

“Quando a velha desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava: - Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças! Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha, abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças caíam vinte metros abaixo, e por elas a feiticeira subia.” (Irmãos Grimm, 1812, p.44).

Rapunzel é obrigada a morar naquela torre, coagida pela velha feiticeira, até que um dia ela burla as regras feitas pela bruxa e toma uma atitude diferente;

“Sempre que vier me ver, traga uma meada de seda. Com ela vou trançar uma escada e, quando ficar pronta, eu desço, e você me leva no seu cavalo.” (Irmãos Grimm, 1812, p.72.).

A personagem não consegue decidir e encontrar uma saída daquela torre sozinha, isso também é um atributo de quem está no estado de heteronomia, sempre precisa de alguém para resolver algo.

**Filho do Rei:** O príncipe é o único personagem de toda a narrativa vivendo o momento de autonomia. Não temos muito o que falar sobre ele, mesmo sua participação na história sendo vista como um herói, este personagem é citado já no final do conto, mas o que nos chama a atenção neste indivíduo é a forma como ele coopera com a jovem Rapunzel. Ele sabe de toda a dificuldade para visitar Rapunzel, no entanto todos os dias ela vai visitá-la, ele sabe também das consequências que poderia acontecer (como de fato aconteceu) caso a velha bruxa descobrisse seu segredo com Rapunzel. Mesmo sabendo de tudo isso, o jovem príncipe coopera com a moça, isso é uma característica relevante sobre o momento de autonomia.

“Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na maior tristeza, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali. Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar. Duas das lágrimas da moça caíram no olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes. Então levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram felizes e contentes.” (Irmãos Grimm, p 99).

No final da história, compreendemos ainda mais a autonomia do jovem príncipe, pois ao reencontrar Rapunzel, ele a leva para seu palácio junto com seus filhos, então entendemos que neste ato ele pensa no que é melhor para todos, ou seja, pensa no bem coletivamente.

Analisando este conto percebemos como ele é importante para depreendermos melhor sobre o desenvolvimento que Piaget (1994) trata.

Assim como os contos anteriormente analisados, esta narrativa contém todas as tendências de desenvolvimento moral caracterizada nos seus personagens.

Mostraremos no quadro abaixo os estágios do desenvolvimento moral, suas características e a distribuição de cada personagem de acordo com seus comportamentos e ações.

Quadro: distribuição dos personagens por características morais

<u>Estágios</u>	<u>Cinderela</u>	<u>Joãozinho e Maria</u>	<u>Rapunzel</u>
<p><u>Anomia</u> típico das crianças pequenas, apesar de apesar de conhecer não respeita as regras, e evolui para a heteronomia por amor a alguém.</p>	<p><u>Madrasta</u> __  <u>Suas duas filhas</u></p>	<p>Mulher (Madrasta)  Velha Bruxa</p>	<p>Mãe de Rapunzel  Feiticeira</p>
<p><u>Heteronomia</u> Boa parte da população faz parte desse grupo, obedecem às regras sociais, segue o grupo, não consegue tomar decisões sozinho, necessita de um líder forte, burla as regras postas, e a relação social é a coação. Evolui da Heteronomia para autonomia por</p>	<p>Pai de Cinderela</p>	<p>Pai (Lenhador) Este personagem evolui da heteronomia para autonomia.  Margarida Esta personagem também evolui da heteronomia para autonomia.</p>	<p>Pai de Rapunzel  Rapunzel</p>

amor a alguém.			
<u>Autonomia</u> Compreende as regras sociais, avalia a partir do bem coletivo, o bem coletivo está acima da regra, desenvolve uma ética no viver, e a relação social é a cooperação.	Mulher doente (mãe) Cinderela Príncipe Pomba Branca	Joãozinho	Filho do Rei

Fonte: Organizado pela autora.

Diante desse quadro, observamos com mais atenção em qual estágio cada personagem está inserido no momento em que é citado no seu respectivo conto. Fica mais lúcido verificarmos dessa forma, e dessa forma também entendermos as características de cada estágio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, percebemos que a leitura e a literatura são fundamentais para a formação do indivíduo, ou seja, ao ler e compreender o que está sendo lido a pessoa se tornará um ser social mais desenvolvido e conseqüentemente terá mais oportunidades de estimular os fatores cognitivos, psíquicos, e socio-afetivo. Entendemos que a leitura possibilita que novas viabilidades possam surgir, e dessa forma o ser humano torna-se mais pensante e criativo. É interessante saber que no decorrer do nosso trabalho foram abordados temas muito relevantes para a sociedade em geral, como a importância que a leitura e a literatura possuem para todo cidadão. Ler ou simplesmente ouvir atentamente alguém. Ler de fato é transformador, pois através da leitura somos oportunizados a conhecer um mundo novo, com novas experiências e expectativas.

Constatamos também que os contos de fadas contribuem significativamente para o desenvolvimento geral do indivíduo perante a sociedade. Os contos de fadas são imensamente relevantes quando tratamos da análise das características dos personagens, pois com eles aprendemos quais comportamentos são adequados e quais não são, e dessa forma podemos identificar em quais momentos do desenvolvimento moral cada um deles está inserido em determinados momentos.

Foi possível perceber que em todos os contos de fadas há uma mensagem bem pertinente à vida como um todo, a qual precisa ser considerada. Ao longo da realização deste trabalho foi possível perceber que os contos de fadas possibilitam a inserção da criança e do indivíduo de uma forma geral no mundo real, tendo por base a “*ficção*”, o que acontece de analogias.

A influência do conto de fadas na vida das pessoas é algo muito forte, principalmente no que se refere aos conflitos existenciais, daí a importância de se trabalhar com a literatura em sala de aula, haja vista que este recurso contribui para a internalização de valores éticos.

Desfrutamos da oportunidade de estudarmos sobre a moralidade que Piaget (1977) aborda, essa auxilia no ensino-aprendizagem de forma direta, pois sabemos que o aluno é um ser ativo em processo de formação, e que conseqüentemente está se desenvolvendo socialmente, afetivamente e intelectualmente.

O autor nos faz entender como ocorre o caminho e a trajetória da evolução de um momento para outro, pois todos os estudos que pouco se relacionavam com isso

apresentavam somente métodos pedagógicos, por isso Piaget procurou entender as respostas para essa indagação. Portanto, conhecendo esses estudos podemos concluir que estudar essa moralidade é de fato muito importante para a evolução do ser social, pois ela nos dirá como estamos procedendo como ser humano.

No que se refere ao estudo do desenvolvimento moral dentro da perspectiva piagetiana, podemos concluir que foi um grande aprendizado, sobretudo muito importante para a elaboração deste trabalho, entendendo que através das análises realizadas conseguimos verificar os momentos que cada personagem vive nas narrativas, e alcançar as razões que levam cada um a se fazer presente nesses momentos.

Foi analisado os contos de fadas Cinderela, Joãozinho e Margarida (Hansel e Gretel), e Rapunzel, e diante desses contos conseguimos extrair algumas lições morais que auxiliam no desenvolvimento psicológico moral do ser humano. Diante disso, concluimos que os contos de fadas contribuem para o desenvolvimento das pessoas haja vista de um modo geral, pois os mesmos possibilitam uma reflexão sobre, entre outras coisas, a convivência com o outro, assim também como os ajudam com suas emoções, medos, preocupações e conflitos.

Podemos afirmar que de fato este trabalho tem uma importância significativa para o desenvolvimento infantil e educação das crianças, pois como já citado anteriormente, a leitura e literatura devem fazer parte da vida de todo indivíduo, em especial nas crianças, pois elas estão em processo de formação do seu ser social, e a leitura oportuniza novos rumos de desenvolvimento cognitivo e moral.

E concluindo, afirmamos que este trabalho também foi essencial para nosso crescimento intelectual, e que com efeito, acrescentou um valor significativo para nós enquanto professores e educadores. Finalizando este trabalho agora temos uma visão bem mais crítica de alguns comportamentos antes meramente e facilmente julgados, mas depois desse trabalho concluído, aprendemos que as atitudes e comportamentos vão muito além do que gestos e ações são sentimentos que precisam ser avaliados e estudados para de fato entendermos por qual razão surgem e como podem ser desenvolvidos.

## REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.

AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

BETTELEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **A psicanálise nos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, 24ª reimpressão.

\_\_\_\_\_. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 30. ed. Traduzido por Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

BRAGA, Regina Maria; e SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. 2 ed. atual. São Paulo: Herder, 1969.

CALDIN, C. F. **Leitura e terapia**. 2009. 216p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004

CANTON, Kátia. **E o príncipe dançou: o conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Ática, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil teoria análise didática**. 7 edição. São Paulo, Moderna, 2005.

Fávero, M. H. (2009). **Os fundamentos teóricos e metodológicos da Psicologia do Conhecimento**. In: M. H. Fávero, & C. Cunha (Coord.), **Psicologia do Conhecimento. O diálogo entre as ciências e a cidadania** (pp. 9-20). Brasília: Unesco.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 29. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

FRITZEN, Celdon. Cabral, Gladir da Silva (orgs.). **Infância: Imaginação e Educação em Debate**. Papirus, Campinas, SP, 2011.

GADOTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**- Editora Ática, 8ª edição 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008.

Dicionário Aurélio. Disponível em <https://www.dicio.com.br/autonomia>. Acesso em 13.05.2019

KOCH, Ingdore V.; ELIAS, Maria V. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

KUPSTAS, Marcia. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo. Moderna, 1993.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed., 1995.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LINARD, Fred; LIMA, Eduardo. **O X da questão**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, abr. 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **Em defesa do romance**. In: Revista Piauí. N. 37. Out. 2010.p.64,69.Disponível em:[http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao\\_37/artigo\\_1159/Em\\_defesa\\_do\\_romance.aspx](http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao_37/artigo_1159/Em_defesa_do_romance.aspx) Acesso em: 25/03/2019.

MENIN, M. S. S. **Desenvolvimento Moral**. In: MACEDO, L. (1996). (org.). **Cinco estudos de educação moral**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1930/1994, p. 37-105.

ORLANDI, EniPulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília: 1998

PIAGET, J. **Le jugement moral chez l'enfant**: Paris. PUF, 1973.

Piaget, J. **A tomada de consciência**. São Paulo: Edições Melhoramentos/Editora de São Paulo. 1977

Piaget, J. (1994). **O juízo moral da criança**. São Paulo: Summus.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PUIG, J, M. **A Construção da personalidade Moral**. São Paulo: Editora Atica, 1996.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasiano desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária a prática escolar**. Anais do Evento PG Letras. 30 Anos, vol. I (1): 514-527. Disponível em: [http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2\\_Ivanda.pdf](http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/5.20Melhores%20teses%20e%20disserta%C3%A7%C3%B5es/5.2_Ivanda.pdf). Acesso em 20 mar. 2019.

SOUZA, Thaísa Zillmann. **GRIMM: dos contos de fadas para a televisão**.

Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Monografia-finalizada.pdf> .  
acesso em 05.03.2018

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e Pedagogia: Ponto e Contraponto**. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.